CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MES)
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

JOSUÉ PINHEIRO FERREIRA

A LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS VEICULADAS NAS MÍDIAS NO 7º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA NANCI NINA COSTA

PARIS,2025

Christian Business School
40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS
www.cbsead.com
Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

JOSUÉ PINHEIRO FERREIRA

A LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS VEICULADAS NAS MÍDIAS NO 7º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA NANCI NINA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências da Educação da CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre/doutor em Ciências da Educação. Área de concentração: Educação.
Orientadora: Prof Dr DIORGENES GUSMÃO

Christian Business School
40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS
www.cbsead.com
Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

A LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS VEICULADAS NAS MÍDIAS NO 7º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA NANCI NINA COSTA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Christian Business School, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes José Gusmão Coutinho

Elton Gomes dos Reis

Dr. Elton Gomes dos Reis

Diogenes José Gusmão Coutinho

Dr. Diogenes José Gusmão Coutinho

Dr. Nilton Soares Formiga

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho principalmente a Jeová-Jiré, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia e socorro presente na hora da angústia, sempre me concedendo forças e saúde para vencer todos os obstáculos durante o processo de formação acadêmica.

A minha genitora Maria Pinheiro Ferreira por ser um dos meus baluartes na vida, exemplo de dignidade e amor. Ao meu pai “in memorian” João Dias Ferreira pelo exemplo de bondade e abnegação a sua família e a todos que tiveram a oportunidade de usufruir do seu convívio.

Aos meus queridos filhos Joubert Johnsom, Joy Josh, Joubeck Joufrerd que formam meu time motivacional masculino e as minhas filhas Thaymã e Joyce Janny que formam minha super league emocional triunfante feminino, que me ensinam a amar e compreender melhor as pessoas, e que suportaram minha ausência durante os longos períodos de estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, ao Espírito Santo e a Jesus Cristo, por terem me guiado nessa jornada, concedendo-me dando-me, força, paciência e coragem, atendendo aos meus pedidos e orações nos momentos de fraqueza e desânimo.

À minha companheira Luzinete Silva que acompanhou todas as etapas de construção desta pesquisa, por seu apoio e incentivo.

Aos participantes da pesquisa, que me receberam com muita atenção e carinho, colaborando de forma significativa e participativa dos instrumentos para coleta de dados.

À todos os mestres e doutores da Instituição pela dedicação e competência nas aulas ministradas e em especial a minha querida orientadora Prof.ª Dra. Terezinha Brito pelas orientações de estimado valor, dedicação e comprometimento para que fosse possível a conclusão desta pesquisa.

A ciência de hoje é a tecnologia de amanhã.

Edward Teller

RESUMO

A presente pesquisa discute sobre a importância da utilização da leitura de imagem no contexto da sala de aula, uma vez que simbolicamente, os conteúdos existentes em sociedade dizem respeito a aspectos como as relações humanas, os valores morais, a ética, o convívio em sociedade e o respeito a princípios como liberdade, solidariedade e fortalecimento da auto-estima. Por isso, o professor deve trabalhar de forma clara e objetiva em sala de aula as leituras de imagens midiáticas, fazendo com que o aluno possa compreender e analisar os signos que circulam na sociedade mediante as tecnologias. Diante do exposto, esta pesquisa objetiva mostrar que o ensino da leitura crítica de imagens midiáticas contribui na formação de cidadãos que tenham uma visão mais ampla sobre as imagens que o cercam diariamente, dentro e fora da escola. Para realizá-la optou-se pela pesquisa qualitativa junto a professores e alunos, na qual houve o levantamento bibliográfico em artigos científicos, livros, periódicos, textos da internet, aplicando-se questionários para posterior leitura, organização, interpretação e seleção dos materiais que se relacionavam com o objetivo da pesquisa; bem como, a sistematização dos conteúdos realizada por meio do fichamento. Assim, chegou-se a conclusão de que a leitura de imagens traz aos seus educandos e educadores uma vasta aplicação de conhecimentos, o que se constitui numa enorme contribuição para o processo de ensino aprendizagem, uma vez que o indivíduo tem seus conhecimentos ampliados, tornando-o preparado para intervir na realidade a ponto de transformá-la. Por isso, o professor tem um papel muito importante no que diz respeito à educação do olhar dos alunos, posto que os discentes estão em contato constante com um mundo cheio de imagens, que muitas vezes não é percebido por eles. Logo, a função do professor no ensino fundamental é de analisar, criticar e refletir a realidade humana, mediante a leitura crítica das imagens midiáticas.

Palavras-chave: Leitura. Imagem. Aprendizagem. Tecnologia.

Christian Business School
40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS
www.cbsead.com
Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

ABSTRACT

This research discusses the importance of using image reading in the context of the classroom, since symbolically, the contents existing in society relate to aspects such as human relationships, moral values, ethics, living in society and respect for principles such as freedom, solidarity and the strengthening of self-esteem. Therefore, the teacher of Visual Arts must work in a clear and objective way in the classroom the readings of media images, allowing the student to understand and analyze readings of images. Allowing the student to understand and analize the signs that circulate in society through technologies. Given the above, this research aims to show that the teaching of critical reading of media images contributes to the formation of citizens who have a broader view of the images that surround them daily, both inside and outside the school. To carry it out, we opted for qualitative research with teachers and students, in which there was a bibliographic survey of scientific articles, books, periodicals, texts from the internet, in addition to the application of questionnaires for later reading, organization, interpretation and selection of materials that were related to the research objective; as well as the systematization of the contents carried out by means of the file. Thus, it was concluded that the reading of images brings to its students and educators a vast application of knowledge, which constitutes an enormous contribution to the teaching-learning process, since the individual has his knowledge expanded, making -prepared to intervene in reality to the point of transforming it. For this reason, the Visual Arts teacher has a very important role with regard to the education of students' eyes, since students are in constant contact with a world full of images, which is often not perceived by them. Therefore, the function of Visual Arts in elementary education is to analyze, criticize and reflect human reality.

Keywords: Reading. Image. Learning. Technology.

LISTA DE ABREVIATURAS

AP- Amapá

CEB- Conselho da Educação Básica

CEE- Conselho Estadual de Educação

CNE- Conselho Nacional de Educação.

DEB- Departamento de Educação Básica.

DCN'S- Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

LDBEN- Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
1 MARCO INTRODUTÓRIO.....17
1.1 TÍTULO.....17
1.2 DESCRIÇÃO DO PROBLEMA.....17
1.3 PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO..... 18
1.3.1 GERAL.....18
1.3.2 ESPECÍFICO.....18
1.4 JUSTIFICATIVA..... 19
1.5 DELIMITAÇÕES..... 25
1.6 OBJETIVOS.....25
1.6.1 GERAL.....25
1.6.2 ESPECÍFICOS.....25
2 CONTEXTO CONCEITUAL DA TECNOLOGIA..... 26
2.1 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (TIC"S) ABORDAGEM E DEFINIÇÃO.....26
2.2 INFORMÁTICA EDUCACIONAL..... 28
2.3 ALGUNS EQUIPAMENTOS DAS TICs..... 35
2.4 A ESCOLA E OS ACERVOS DAS TICs..... 37
2.5 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: UM ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR.....39
2.6 AS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA..... 54
2.7 A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO : FUNDAMENTOS LEGAIS..... 60
3 LEITURA DE IMAGENS E CULTURA VISUAL..... 65
3.1 LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS NA CULTURA VISUAL..... 65
3.2 AS TECNOLOGIAS MÓVEIS NA EDUCAÇÃO.....70
3.3 A INTERNET E SEUS CONTRAPONTOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO..... 79
4. LEITURA DE IMAGENS, TECNOLOGIA E CULTURA VISUAL..... 89
4.1 O CAMPO DA PESQUISA..... 89
4.1.1 Concepções da Escola.....90
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....90

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS..... 90
4.4 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS.....91
5. A LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS MIDIÁTICAS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA NO 7º ANO DO ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA.....92
5.1 PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA.....92
5.2 CONSIDERAÇÕES DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO 7º ANO DA ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA..... 97
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 99
REFERÊNCIAS.....106

INTRODUÇÃO

No contexto social onde os cidadãos desenvolvem suas atividades cotidianas, estimulados pelas tecnologias da informação e comunicação, torna-se necessário compreender as diversas linguagens que se processam neste panorama. Neste sentido, refletir sobre as transformações sociais é uma necessidade que facilita a compreensão da realidade, o desenvolvimento do aprendizado e a inserção social.

Com este trabalho vislumbra-se a importância das tecnologias, mais especificamente as mídias tecnológicas, aplicadas a educação constituem um paradigma educacional que engloba a descoberta, a criação, a consciência e indica que as instituições de ensino de modo geral representam um ambiente criado para a aprendizagem rica em recursos, possibilitando ao aluno a construção do seu conhecimento, segundo o seu estilo individual de aprendizagem. A leitura de imagens midiáticas como meio de comunicação visual torna-se ferramenta de ensino-aprendizagem do professor em sala de aula, capaz de favorecer o desenvolvimento do processo educativo, com vista a garantir um aprendizado significativo aos alunos, visto que as mídias são tecnologia presente no cotidiano dos alunos e que de uma maneira ou de outra interfere na formação de opiniões, de valores, de comportamentos, de ideologias, através da informação, da cultura, da educação.

A integração entre as tecnologias e a educação é uma necessidade de nosso tempo, haja vista que estamos constantemente interagindo com celulares, computadores, internet, televisão, ferramentas tecnológicas que propiciam a integração das pessoas e o compartilhamento de tudo que é veiculado por elas, interferindo na concepção de mundo das pessoas.

Essa constatação é pertinente aos paradigmas educacionais porque coloca em xeque a forma de educar da escola no contexto do século XXI, da qual se espera a formação e capacitação do aluno para atuar plenamente na sociedade a que pertence. Para tanto, subtende-se que a escola seja capaz de promover a construção do conhecimento, a qual deve ser mediada pelo professor em consonância com os objetivos do ensino-aprendizagem, integrando conteúdos curriculares ao contexto social.

O atual contexto social é marcado pela informação, viabilizada através revolução dos meios de comunicação. Contudo, o que se observa, é que na escola essa integração ainda não acontece satisfatoriamente, pois esta não foi preparada para usar meios e mecanismos tecnológicos no contexto educacional. Assim, o que se nota são educandários desprovidos de infraestruturas adequadas a essa nova concepção de ensinar e aprender; professores despreparados e resistentes a essa realidade; pouca ou nenhuma formação para o uso das mídias na sala de aula; em comparação com alguns professores que querem suplantar as tecnologias tradicionais para melhoria no rendimento educacional.

Em contrapartida verifica-se alunos com celulares na escola, participando de redes sociais, que jogam *playstation,* assistem e interagem com a televisão diariamente em casa, só para citar alguns exemplos. Esse descompasso tem sido percebido pela escola, a qual pouco tem feito para minimizar essa discrepância entre o contexto extraescolar e a sala de aula, devido, dentre outros problemas, a carência de formação adequada para uso dessas ferramentas, bem como da infraestrutura escolar deficiente.

No que se refere as imagens midiáticas, foco deste trabalho, em geral, a realidade é de ausência de tecnologia modernas, o que se vê são aparelhos quebrados, falta de espaço adequado, uso improvisado e não planejados como recursos de aprendizagem, resistência do professor em usar, falta de capacitação para esse fim. Essa constatação refere-se ao uso dessas ferramentas no contexto da Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa, localizada no bairro Zerão, cidade de Macapá-AP, no que se refere ao uso no Ensino Fundamental.

Portanto, objetiva-se constituir por meio deste trabalho uma reflexão acerca das mídias como recurso de aprendizagem no âmbito do sexto ano da escola supracitada, pois se entende que, pela conexão com a potencialidade das mídias pode-se contribuir eficazmente com o processo educativo, no que se refere à formação do professor enquanto mediador e articulador do ensino e aprendizagem e, consequentemente, com o melhor rendimento do aluno.

Como recurso de aprendizagem será capaz de proporcionar tanto ao professor quanto ao aluno novas formas de ver, analisar e experienciar o conteúdo curricular, fornecendo ao docente, novas possibilidades de abordagem e

intervenção pedagógica, constituindo-se como instrumento que pode auxiliar em soluções eficientes para as dificuldades encontradas na aprendizagem dos alunos.

Para isso, é importante analisar o conceito de mídias: suas reais dimensões e alcances, bem como os preconceitos e resistências que ainda as cercam e concebê-las como objeto de investigação. Para tanto, esta dissertação está estruturada em quatro capítulos.

A partir dessas situações, considera-se relevante apresentar uma proposta didático-metodológica que oportunize aos professores do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa, o uso eficaz das mídias como recurso de aprendizagem. Mas para que tal objetivo seja alcançado, necessário se faz conhecer as mídias como ferramenta tecnológica com potencial educativo através de pesquisa teórica; refletir sobre a práxis pedagógica; desenvolver uma proposta de ensino-aprendizagem que englobe as mídias como recurso de aprendizagem, bem como, investigar, através de pesquisa teórica, os fundamentos das mídias ligados à educação.

As mídias podem vir a contribuir com o professor ou até mesmo substituir matrizes tradicionais de educação, dada a força e potencial que tal meios de comunicação representa, bem como, absorver este instrumento pedagógico como recurso potencializador de saberes nas atividades escolares da série mencionada, contribuindo para que a Escola Estadual de Ensino Fundamental professora Nanci Nina Costa possa galgar mais um avanço na qualidade educacional.

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é mostrar a necessidade de se valorizar a leitura crítica de imagens no cotidiano do ensino fundamental, sendo esta proposta mais do que um passatempo ou objeto de entretenimento para o aluno, constituindo-se, na realidade, atitude importante para a aplicação de uma educação que visa o desenvolvimento pessoal e cultural na sociedade.

Considerando que a Lei 9394/96 que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Resolução CNE/CEB nº 12.287, de 2010 – que determina: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, propiciou que nossa pesquisa investigue a importância do Ensino de Artes Visuais no ensino

fundamental. Além de observar a qualificação dos professores e a falta de cumprimento das leis educacionais em artes visuais.

A abordagem da leitura crítica das imagens influencia o trabalho de educadores que se reportam a uma pedagogia da imagem. A pedagogia da imagem situa-se no marco teórico dos Estudos Culturais, e considera que a educação não se restringe às formas legais quase sempre organizadas na instituição escolar.

Em qualquer sociedade há inúmeros mecanismos educativos presentes em diferentes instâncias socioculturais. Grande parte desses mecanismos tem como função primeira educar os sujeitos para que vivam de acordo com regras estabelecidas socialmente. Por estarem inseridos na área cultural, esses mecanismos revestem-se de características como prazer e diversão, mas, ao mesmo tempo, educam e produzem conhecimento.

Constata-se, mediante a leitura bibliográfica e observações durante os anos de dedicação ao oficio de educador(a) na disciplina de Artes Visuais que cabe ao professor dessa disciplina estimular seus educandos para a familiarização e o contato frequente com as imagens, pois estas o induzem a perceber que ler uma imagem é uma atividade que traz informações que se encontram nos traços, nas linhas, nas cores e nas formas, num conjunto de significações para o mundo, e que o resultado desta leitura trará conhecimento e possíveis mudanças na concepção da forma com que se vê o mundo.

Desta forma a leitura de imagem dentro do contexto escolar pode ampliar o repertório imaginativo e criativo, pois traz uma importante contribuição no processo de desenvolvimento para uma leitura crítica de si e da realidade do mundo, já que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor.

Assim, enfatizar o estudo em torno da leitura crítica de imagens constitui uma importante contribuição para que o processo de ensino e aprendizagem e o conhecimento do aluno venha a ser ampliado, tornando-o um indivíduo preparado para intervir na realidade a ponto de transformá-la.

O trabalho possui relevância para a prática pedagógica, uma vez que através da leitura crítica de imagens é possível estimular o aluno a realizar leituras múltiplas do mundo que o cerca, sendo que o educador passa a ter papel decisivo no estímulo a consciência crítica e a interpretação que o aluno é capaz de efetuar diante das diferentes manifestações artísticas.

A questão/problema para a qual busca-se resposta é: De que maneira o professor, na sua prática pedagógica, poderá estimular o aluno a fazer uma leitura crítica da realidade através do uso de imagens midiáticas?

Basicamente, a metodologia que foi adotada para o desenvolvimento da pesquisa consistiu no fichamento das obras de autores como Terezinha Franz (O discurso imagético na escola), Maria Felismina Fusari (A participação do professor nas emoções do aluno) e Ana Mae Barbosa (Arte na escola: O discurso metodológico na leitura de imagens), que fornecem suporte o desenvolvimento e compreensão do tema. Além disso, foi realizada a pesquisa de campo na Escola Estadual Nanci Nina Costa, junto a professores e alunos que participam ativamente do processo de ensino e aprendizagem.

Na era da tecnologia o docente, tem que está receptivo às mudanças tecnológicas, no sentido de dispor aos educandos novos recursos tecnológicos, visando uma aprendizagem mais condizente e uma interação mais avançada com o mundo atual.

Ao ser abordado o tema “tecnologia na educação e leitura de imagens midiáticas”, nos deparamos com muitas questões, e principalmente as estruturas e a prática pedagógica da escola, diante essas questões iremos analisar o que falta para escola visando alcançar os objetivos, que é uma aprendizagem de qualidade para os alunos.

A partir dos resultados desse estudo, espera-se que os docentes tenham contato com esta proposta assumam uma nova postura diante das tecnologias e das informações com uma interpretação de cunho mais pedagógico, inovando as aulas com emprego de recursos diferenciados, sensibilizando e despertando o interesse dos aprendizes, a fim de alcançarem uma aprendizagem significativa.

1 MARCO INTRODUTÓRIO

1.1 Titulo

A leitura crítica de imagens veiculadas nas mídias no 7º ano da Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa

1.2 Descrição do problema

As mídias tecnológicas formam valores e dissemina diversas formas de pensar e agir, além de trazer para dentro de casa e da escola uma cultura variada. Mas, além disso, as mídias são também instrumentos de cidadania, pois por meio das notícias veiculada podemos saber o que está acontecendo no País e no mundo, tomar posição a respeito de diferentes assuntos, usar a informação como arma para nos defendermos e fazer escolhas acertadas, sejam elas no campo político, econômico ou de nossos direitos. A grande revolução das mídias tecnológicas – a interligação do mundo por satélites que tem na telefonia, na internet e na televisão os meios mais atuais de comunicação. Na atualidade em que se vive as tecnologias são os meios de comunicação mais rápido do século XXI. Esta afirmação é decorrente da amplitude de seu consumo pelas sociedades, possível à totalidade das classes sociais no mundo, e por ser um eficiente meio de informação, cabe ao professor buscar formas de utilização dessas tecnologias para uso em sala de aula, além de ensinar aos alunos uma leitura crítica das mídias e da linguagem nelas contidas.

Por outro lado, no Amapá não temos emissoras de televisão públicas, fazendo com que o audiovisual educativo veiculado na televisão venha ser pouco usado no ambiente escolar. Talvez isso ocorra porque nossos educadores não têm uma formação metodológica suficiente para que possam articular a apresentação de conteúdos por meio audiovisual, o que propiciaria maior estímulo à percepção do que um texto oral.

Segundo Moran (2000), cada tecnologia modifica algumas dimensões da nossa inter-relação com o mundo, da percepção da realidade, da interação com o tempo e o espaço. Logo, as mídias televisivas, não são neutra, carregam em sua programação ideologias, valores que geralmente atende a grupos dominantes. Nessa perspectiva, o educador obrigatoriamente assume uma postura critica, reflexiva, reconstrutora e criadora que dialoga ideologicamente com o social, com

o econômico, com o político e com o cultural, estabelecendo um processo de avaliação ética e esteticamente o conteúdo/programação oferecida diariamente a sociedade

Conforme ressalta Baccega (2000) in Berno (2003:95) Para que as mídias sejam incorporadas às práticas educacionais com todo seu potencial é preciso que se conceba a figura do professor como protagonista dessa relação, uma vez que é ele quem estabelece e define, por meio de seu planejamento, a inclusão dos recursos didáticos no desenvolvimento da aula e demais projetos educativos.

Portanto, diante do cenário do momento é de esperar que a realidade das tecnologias no contexto da Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa, passe pelo querer do professor, que pode aderir com primazia ou rejeitá-la, conforme seu entendimento. Isso porque o professor muitas vezes sente-se "despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TICs[1] ao cotidiano escolar" (BELLONI, 2005:27) Como não há educação de qualidade sem a formação do professor, é importante fazer uma reflexão a respeito desse pilar essencial na educação.

1.3 Perguntas da Investigação

1.3.1 Geral

- Compreender como o professor na sua prática pedagógica pode estimular o aluno a fazer uma leitura crítica da realidade através do uso de imagens midiáticas.

1.3.2 Específicas

- Qual a concepção das tecnologias e educação na Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa
- Identificar os principais recursos midiáticos que podem ser utilizados para a leitura crítica de imagens pelos alunos;
- Apontar os principais desafios que o professor enfrenta para a introdução e uso dos recursos midiáticos para a leitura crítica de imagens pelo aluno;

[1] Tecnologia da Informação e Comunicação

- Conhecer a percepção dos professores e alunos a respeito da importância da leitura crítica de imagens mediante a utilização das mídias tecnológicas na escola.
- Como as mídias midiáticas se apresentam como recurso de aprendizagem na mediação do professor?

1. 4 JUSTIFICATIVA

Este estudo visa mostrar a necessidade de valorização da utilização das mídias educacionais a partir da leitura crítica de imagens no cotidiano do ensino fundamental, sendo esta proposta mais do que um passatempo ou objeto de entretenimento para o aluno, constituindo-se, na realidade, uma atitude estratégica para o aprofundamento do processo de ensino e aprendizagem que proporciona o desenvolvimento pessoal, cultural e educacional do aluno no 7º ano do ensino fundamental.

No contexto social em que vivemos estimulados pelas tecnologias da informação e comunicação, torna-se necessário compreendermos as diversas linguagens que se processam neste universo. Neste sentido o ato de refletir sobre os valores é uma habilidade que facilita a compreensão da realidade, o desenvolvimento do aprendizado e a inserção social.

Com este projeto visa-se perceber a importância do meio de comunicação midiático visível como meio de auxílio do professor em sala de aula, fornecendo aos alunos um aprendizado significativo em um processo integracionista com os meios que os produzem. Portanto, objetiva-se constituir conhecimento pela conexão com a potencialidade das mídias e contribuir eficazmente com o processo educativo, na formação integral e social dos alunos.

O processo de ensino aprendizagem do aluno representa desafios históricos que se fazem presentes no cotidiano da vida escolar. A integração das mídias favorecerá a assimilação de conteúdos propostos através da vivência do aluno, da formulação de conteúdo do conhecimento sistemático. As mídias como um meio de comunicação muito próximo da maioria dos alunos, as imagens colocadas em um contexto de leitura crítica, tem como grande virtude ajudar na contextualização dos conteúdos, porque faz parte do mundo real do aprendiz, tendo, muitas vezes, relação com situações reais da vida em sociedade. Ao assistirem um programa,

tendo como objetivo aprender algo, os alunos tendem a desenvolver a capacidade e a qualidade da observação e da atenção, sem contar que desenvolvem melhores valores para o direcionamento do próprio lazer, enquanto, no processo de discussão, ocorre um estímulo ao desenvolvimento da capacidade de reflexão, posicionamento e argumentação.

A leitura critica das imagens visuais tem influenciado de forma eficaz na aprendizagem dos alunos do ensino fundamental, uma vez que este sendo utilizado como material didático pelo docente, a escola deve proporcionar nos ambientes educacionais meios para que os alunos possam ter acesso a sociedade da informação e comunicação, conduzindo-os com clareza, planejamento, segurança e com conhecimento de causa.

As mídias ocupam seu espaço no processo de educação de todas as pessoas que vivem em sociedade, já que atinge a maioria dos lares, esse meio de comunicação vem sendo um instrumento que pode auxiliar em soluções imediatas para as dificuldades encontradas na aprendizagem dos alunos. Neste contexto social, onde as imagens midiáticas se fazem presente, e diante das possibilidades que proporciona, é indispensável sua efetiva inserção no contexto educacional, pressupondo a educação para e com as mídias. Destaca-se então dois aspectos fundamentais, um que nos remete ao aluno, que é levado em consideração como o grande protagonista, uma vez que o educando nesta conjuntura é o ator principal, o centro de todo o processo, inserido em uma sociedade que exige indivíduos críticos e participativos, em condições de se projetar no cenário global de competitividade. Outro aspecto não menos importante, uma vez que vai proporcionar ao educando todas novas nuances no seu futuro, diz respeito à formação oferecida aos professores, que alavancou um novo modelo nos moldes que a educação contemporânea requer, através de aulas interativas e colaborativas, baseadas em uma linguagem real de comunicação e não mais baseado em um modelo tradicional e verticalizado.

Diante da profusão de tecnológicas a formação de qualidade dos docentes deve ser vista em um amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui algum conhecimento sobre o uso crítico das novas tecnologias de informação e comunicação (não apenas o computador e as redes, mas também os demais suportes midiáticos, como o rádio, a televisão, o vídeo etc.)

em variadas e diferenciadas atividades de ensino. É preciso que o professor saiba utilizar adequadamente, no ensino, essas mídias, para poder melhor explorar suas especificidades e garantir o alcance dos objetivos do ensino oferecido (KENSKI, 2003 p. 88-89).

Desta forma afirmamos que para o educador utilizar os instrumentos tecnológicos e midiáticos no ambiente escolar é necessária a utilização de uma metodologia de ensino e uma concepção de educação que integrem os conteúdos a esses instrumentos, e para que isto aconteça o professor precisa estar preparado, capacitado e apto, pois sem um referencial teórico e moral para suas atividades pedagógicas, ele se tornará uma presa fácil neste mundo tecnológico.

A educação é uma urgência, tanto para a sociedade como para os indivíduos que a compõem. Mas, atualmente, muitos pais ou professores se sentem desamparados, não sabendo mais o que quer dizer educar, nem como colocar em prática uma ação educativa rigorosa. Vejo que nas Universidades podemos propor à inclusão no currículo do universitário como proposta de estudo das mídias em sala de aula pelo a formação de professores, o propósito é a reformulação dos currículos dos cursos a a partir desta proposta a elevação da qualidade da formação docente, a universalização da formação docente e a educação continuada.

A formação do professor encontra-se diante de um impasse. Os modelos de formação vigente não respondem pelo imperativo das exigências da realidade. Desse modo, a legislação confusa tem construído para aquecer a crise na formação ou no mínimo tem gerado um mal-estar nos cursos de formação docentes ou nas faculdades de educação.

Diante das inúmeras possibilidades que o universo midiático se apresenta, cada vez mais atrativo para adultos e crianças, a escola como espaço de interação, deveria levar em consideração o interesse do aluno e trabalhar em consonância com as tecnologias que adentram tanto o ambiente familiar quanto o escolar. Considerando que a Lei 9394/96 que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Resolução CNE/CEB nº 12.287, de 2010 – que determina: “O ensino, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, propiciou que nossa pesquisa

investigue a importância da utilização das mídias tecnológicas no ensino fundamental. Para isso, a abordagem da leitura crítica das imagens influencia o trabalho de educadores que se reportam a uma pedagogia da imagem. A pedagogia da imagem situa-se no marco teórico dos Estudos Culturais, e considera que a educação não se restringe às formas legais quase sempre organizadas na instituição escolar.

Em qualquer sociedade há inúmeros mecanismos educativos presentes em diferentes instâncias socioculturais. Grande parte desses mecanismos tem como função primeira educar os sujeitos para que vivam de acordo com regras estabelecidas socialmente. Por estarem inseridos na área cultural, esses mecanismos revestem-se de características como prazer e diversão, mas, ao mesmo tempo, educam e produzem conhecimento.

Assim, enfatizar o estudo em torno da leitura crítica de imagens midiáticas constitui uma importante contribuição para que o processo de ensino e aprendizagem e o conhecimento do aluno venha a ser ampliados, tornando-o um indivíduo preparado para intervir na realidade a ponto de transformá-la.

O trabalho possui relevância para a prática pedagógica, uma vez que através da leitura crítica de imagens midiáticas é possível estimular o aluno a realizar leituras múltiplas do mundo que o cerca, sendo que o educador passa a ter papel decisivo no estímulo a consciência crítica e a interpretação que o aluno é capaz de efetuar diante das diferentes manifestações tecnológicas. Quando se trata de trabalhar as imagens midiáticas no contexto do ensino e aprendizagem, então precisamos estar preparados para usar nossos sentidos, especialmente o olhar e a percepção para compreender, analisar e interpretar uma imagem.

Barbosa (2001) mostra que trabalhar com os recursos imagéticos no contexto do ensino e aprendizagem é essencial, pois a todo instante os seres humanos tem de lidar com um grande número de representações imagéticas que aprimoram a percepção de mundo, estabelecendo uma representatividade particular daquilo que o indivíduo pensa e sente.

Em razão disso, Tourinho (2010, p. 72) esclarece que:

> Saber ler imagens na contemporaneidade é fundamental, somos bombardeados por estímulos imagéticos o tempo todo, seja através da publicidade, na política, no supermercado, na Internet, acabamos recebendo a maioria dessas imagens de forma inconsciente e acrítica.

Muitos membros de nossa sociedade, não só as crianças, ainda desconhecem e/ou menosprezam o poder da imagem e precisam se conscientizar do real valor de se saber ler essas imagens.

Nesse contexto podemos afirmar que as imagens midiáticas podem servir tanto para ensinar e aprimorar a forma de enxergar o mundo quanto para alienar o estudante em relação ao mundo que o circunda.

A isso denominamos de instigação do olhar sobre as representações imagéticas com plena reflexão a respeito dos aspectos mais insuspeitos daquela representação imagética. Mesmo nesta tarefa é importante que o aluno esteja pronto para respeitar o julgamento dos outros sobre a mesma imagem, sabendo que cada ser humano tem um olhar que lhe é particular e, portanto, um mesmo objeto ou situação tem diferentes interpretações, dependendo da perspectiva sob a qual imprime o olhar.

De posse desse pressuposto, Martins (2012, p. 55) esclarece:

A contextualização de uma leitura de obra de arte não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte, mas é importante esclarecer que também não as negamos quando estas se fazem necessárias para facilitar a análise da imagem.

Quando existe a dedicação a aprendizagem, a expectativa criada em torno disso relaciona-se ao fato de que se começa a desenhar uma experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino/aprendizagem completo e significativo para os alunos aplicando na prática os conceitos abordados durante a leitura e contextualização.

Observamos então que trabalhar com imagens nas aulas não é uma tarefa tão complexa como se supõem. Entretanto, é preciso alertar para o fato de que se o educador não possuir uma vivência prática da linguagem imagética, poderá incorrer em equívocos no momento de avaliar uma produção artística dos alunos baseada na leitura de imagens. O educador deve valorizar sempre o que os alunos conseguem produzir, ainda que, num primeiro momento, o professor não consiga entender direito o que o sujeito quis transmitir com aquela representação gráfica ou com o texto interpretativo (SARDELICH, 2012).

A produção imagética dos alunos ainda que pareça sem um objetivo específico ou mesmo difícil de caracterizar traz um significado que não se pode

desconsiderar. A simples valorização do esforço do aluno torna-o mais propenso a aprender e educar olhar para tarefas envolvendo atividades imagéticas.

A leitura de imagem midiáticas como metodologia no ensino e aprendizagem é uma atividade importante para auxiliar o aluno a ampliar suas interpretações do mundo que o cerca, aproximando do conhecimento, dos problemas sociais e culturais no qual está inserido, além de proporcionar ao sujeito a oportunidade de assumir seu próprio lugar na sociedade.

Essa constatação não se refere apenas ao contexto escolar, mas expande-se para outras áreas como a família e grupos de amigos uma vez que a interação e a sociabilidade são exigências de uma sociedade em permanente transformação e evolução de cunho tecnológico, político, cultural e econômico (BARBOSA, 2008).

O mundo vive intensamente a era visual, logo, cada vez mais nós o vemos e o percebemos por meio de imagens, mas isso não é um privilégio de hoje, pois as imagens sempre fizeram parte das nossas vidas, sempre estiveram presente no nosso meio, criando e recriando sentidos, gerando novas possibilidades de comunicação e de leitura visual, podendo nos apresentar conceitos variados, conforme o contexto em que está inserido. Nesse foco, Martins e Tourinho (2013, p.64) afirmam que:

> [...] Ao estudar o visual, a pesquisa nos encaminha para estudar as culturas, uma fantasia, um aspecto dessas culturas. As imagens, assim como a linguagem, são mediadoras de significados e cada interpretação é um modo de pensar do (s) indivíduo(s), fragmento subjetivo de uma realidade, de um contexto, de uma comunidade.

Quando falamos em leitura, pensamos logo nos livros, revistas, jornais etc., tudo que tenha textos e palavras. É preciso uma prática maior sobre as imagens, pois elas também podem ser lidas e analisadas em todos os elementos que a compõe, principalmente aqueles que ficam implícitos, escondidos por meio da mera ilustração. No mundo atual, o saber ler é imprescindível na vida do homem e na sociedade. Nessa vertente as instituições de ensino devem possibilitar aos educandos a leitura visual, onde esta venha proporcionar uma visão crítica com relação à postura diante de imagens. Conforme afirma Maria Emília Sardelich (2006, p.128):

> por se tratar de uma abordagem multireferencial e transdisciplinar, um trabalho de compreensão crítica da cultura visual pode ser desenvolvido por qualquer educador a que se deseja e disponha a problematizar as representações sociais de menina, de menino, homem, criança, família, adolescente, adulto, velho, pobre, rico, preto, branco, professor, estudante,

escola entre tantos outros possíveis nas imagens dos livros didáticos, dos cadernos, das revistas, dos outdoors, videogames, da televisão, dos cartões postais, dos brinquedos, das obras de arte,etc

Por isso, é essencial que se aborde a necessidade de uma reflexão crítica a respeito da imagem midiática no mundo contemporâneo, além disso, é valioso realizar uma abordagem histórica sobre a origem da leitura das imagens e destaca aspectos importantes a respeito da leitura de imagens midiáticas dentro do contexto escolar.

1. 5 Delimitações

Considera-se neste trabalho o título sobre a leitura critica de imagem midiática no contexto de sala de aula as mídias como recurso de aprendizagem na Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa, onde se definiu como campo de investigação, a qual se encontra localizada na Av Inspetor Aimorés 439 - Zerão, no Município de Macapá, capital do estado do Amapá, onde o pesquisador realizou observações e investigações com aplicação de entrevistas durante todo o ano de 2019.

1.6 Objetivos

1.6.1 Geral

- Compreender como o professor na sua prática pedagógica pode estimular o aluno a fazer uma leitura crítica da realidade através do uso de imagens midiáticas na Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa.

1.6.2 Específicos

- Descrever a concepção das tecnologias e educação na Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa.
- Identificar as mídias como recurso de aprendizagem e a mediação do professor.
- Avaliar o potencial educativo das mídias

2 CONTEXTO CONCEITUAL DA TECNOLOGIA

2.1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO (TIC'S): ABORDAGEM E DEFINIÇÃO

Na atualidade, ocorre mudanças cada vez mais rápidas na formação das pessoas ensinarem e aprenderem, principalmente com o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC's). Isso pode ser observado pela simples constatação de que estes recursos estão cada vez mais incorporados e presentes em cotidiano dos indivíduos, especificamente no contexto educacional.

O próprio conceito de Tecnologias da Informação e da Comunicação, aponta para mudanças mais efetivas, já que a tecnologia passa a ser usada como fonte e meio de produção de informações e como nova forma de comunicação.

Assim, Tecnologias da Informação e Comunicação podem ser conceituadas como sendo todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres (BORBA, 2014).

Compreende-se que as TIC's, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem.

De acordo com Mota (2016, p. 48):

> Sabemos que o canal (meio) determina o modo de transmissão e recepção da mensagem. Além disso, a tecnologia faz uso de diferentes linguagens (escrita, imagética, sonora) criando novos signos linguísticos, nos termos de Ferdinand de Saussure, que portam novos significados (conceitos) e significantes (forma material de representação). Nos parece claro, então, que a tecnologia é uma nova forma de linguagem e sua inserção e ampliação constante tornam quase impossível a tarefa de elencar todos os exemplos que a ilustrariam: desde a internet, com sua linguagem html, redes sociais, blogs, wikis, passando por visualizações de abstrações existentes apenas no mundo virtual dos jogos e simulações; até novas formas de educação proporcionadas pelos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), para cursos de educação a distância (EAD)

Essa nova linguagem possibilita, para a educação, novas relações com a memória/registro visual, escrita e oral, novas estruturas de enunciados multimodais, novos formatos de comunicação e interação social e novas formas de visualização e representação de esquemas abstratos que implicam em novas formas de compreensão e desenvolvimento cognitivo.

Além disso, a inserção maciça das tecnologias nos modos de produção exige uma nova educação. Se hoje o trabalho intelectual já é automatizado, é tarefa urgente e fundamental da educação fornecer uma formação geral sólida e desenvolver o pensamento abstrato., Nesse contexto seria, no mínimo, uma

subutilização adotar as TIC como mero instrumento para substituir recursos antigos (lousa, texto impresso e caderno) ou oferecer aulas presenciais tradicionais a distância em AVA, em vídeos compartilhados na rede ou videoconferências. Na realidade, acreditamos que essas perspectivas revelam uma profunda distorção tanto do papel da tecnologia no campo educacional, quanto do papel do próprio professor e da educação (MOREIRA, 2014).

Nessa perspectiva, a principal contribuição das TIC se relaciona ao desenvolvimento do pensamento abstrato potencializado através de visualizações do real e dos modelos científicos que não estariam acessíveis diretamente. Assim, parece evidente a possibilidade que as TIC oferecem para levar o aluno mais longe, apresentando-lhe novas perspectivas sobre a realidade.

Delano (2012, p. 72) informa que:

> Já se reconhece os desafios enfrentados pelos professores para inserir as TIC em suas aulas. Não bastassem as dificuldades formativas, na medida em que nem todos os cursos do ensino superior preparam adequadamente o professor em relação às TIC, há também dificuldades operacionais, sejam eles a falta de recursos materiais ou mesmo a falta de condições de trabalho do professor.

Segundo Alves (2014) apesar disso, os benefícios e potencialidades evidenciados nas pesquisas em educação e educação em ciências nos parecem motivadores para que esses desafios sejam superados de forma que cada vez mais possamos proporcionar um ensino de ciências condizente com a complexidade e potencialidade do mundo atual.

O uso das novas tecnologias dentro do ambiente escolar já vem sendo efetivado há algumas décadas, a revolução industrial trouxe para as fábricas um novo padrão de exigência, onde cada vez mais as pessoas tinham que se aprimorarem para a utilização das máquinas que vinham do exterior, essas mesmas pessoas iludidas por um salário e vida melhor começaram a busca por um perfil profissional melhor ditando uma nova organização no mercado industrial e educacional.

> A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (FREIRE apud OLIVEIRA, 2009, p. 35)
> .

É importante que essa meta da educação não seja aplicada apenas para os alunos e sim para todos os envolvidos no processo educacional. Os professores, coordenadores também estejam se descobrindo, inventando e se renovando na sua área de atuação, por que só dessa forma teremos um ensino com qualidade e não apenas quantitativo.

> Realizar este empreendimento pedagógico, ou seja, vivenciar novas formas de ensinar e aprender incorporando as tecnologias, requer a importância com a formação inicial e continuada do professor. Esta formação, no entanto, não tem se constituído em preocupação primordial daqueles que se têm ocupado em discutir a importância de uma alfabetização audiovisual ou para mídia, a ser feita pela escola, embora seja mencionada em quase todos os trabalhos pertinentes. (SAMPAIO, 2008, p.66-67).

Neste ponto, se faz necessário uma lufada de ousadia na comunidade escolar com ênfase no mundo midiático e tecnológico dentro da escola para se vislumbrar um HTPC que corrobore com as necessidades dos professores, onde a questão das novas tecnologias possa ser discutida, argumentada e planejada em conjunto com o coordenador pedagógico e dessa maneira possam montar materiais lúdicos e contextualizados, para que consigam viabilizar aulas audiovisuais com qualidade.

2.2 INFORMÁTICA EDUCACIONAL

O uso das novas tecnologias dentro do ambiente escolar já vem sendo adotado há algumas décadas em vários países e continentes, posto que a revolução industrial trouxe para as fábricas um novo padrão de exigência, onde cada vez mais as pessoas tinham que se aprimorar para a utilização das máquinas que vinham do exterior. Essas mesmas pessoas iludidas por um salário e vida melhor começaram a busca por um perfil profissional mais aprimorado ditando uma nova organização no mercado industrial e educacional (SILVA, 2016).

O surgimento da informática trouxe várias mudanças para o setor educacional tanto privado como o público, fazendo com que a escola e o seu corpo docente repensassem a forma de ensinar com o uso das novas tecnologias.

Na nova sociedade a informática é utilizada para desenvolver novas competências, fazendo com que os alunos desenvolvam senso crítico e capacidade

para discernir entre informação válida ou inválida, fazendo uso pertinente e separando o que lhe é supérfluo (MOTA, 2017).

Dessa forma a escola deve utilizar-se dos quatro pilares da educação para a utilização da informática educacional onde o aluno deve aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Quando pensamos em cada um desses quesitos que os pilares da educação nos trazem, devemos pensar na sala de aula, e como desenvolver essas competências com os nossos alunos, já que a utilização do computador deve ter uma finalidade estipulada pelo educador, que é a verdadeira construção do conhecimento individual ou coletiva.

> Sendo assim, o professor continua sendo quem planeja e desenvolve situações de ensino a partir do conhecimento que possui sobre o conteúdo, sobre os processos de aprendizagem sobre a didática das disciplinas e sobre a potencialidade da ferramenta tecnológica como recurso para a aprendizagem. (SANTOS, 2013, p. 48).

Nesse sentido, o autor afirma que cabe ao professor o papel fundamental que é o planejar e estruturar a organização da aula, para que através dessa intenção consiga desenvolver o processo de ensino/aprendizagem utilizando recursos didáticos e a interdisciplinaridade, já que o educador também deve se preocupar com o currículo oculto o qual tem que levar em conta o cotidiano da instituição, e a forma como será organizado o trabalho prático da instituição (MELO, 2015).

Por outro lado, fala-se em educação tecnológica, inclusão digital, mas como podemos trazer essa realidade para todos? Mais importante ainda, como mudar algo que já está impregnado no consciente e inconsciente educacional, trazendo novos conceitos tecnológicos para a sala de aula de uma forma que venham agregar novos conhecimentos e aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem?

Na atualidade, a sociedade contemporânea vivencia a grande revolução da comunicação. Internet, celulares, dvds, *smartphones*, televisão digital são exemplos de que essa revolução adentrou os lares e suplantou os muros escolares. O que antes era privilégio das camadas sociais mais favorecidas economicamente tem sido desconsiderado e hoje, aparatos tecnológicos de diferentes naturezas adentram os lares de pessoas das diferentes classes sociais. Esse fascínio que a tecnologia exerce sobre as pessoas interfere, essencialmente, na forma como um

se relaciona com o outro e como se concebe o mundo e, sobretudo como se faz educação.

A junção da informática às mídias eletrônicas inaugurou uma nova época na área da comunicação e interferiu na forma como se adquire conhecimentos e na forma como se vê a educação, pois possibilitou o acesso irrestrito às informações e aos meios de conhecimento. Assim:

> A incorporação da informática às mídias eletrônicas proporcionou uma revolução nos campos da comunicação e da educação ampliando o sistema informacional e a possibilidade de participação da sociedade na transmissão de conhecimentos e na democratização da informação no país. (FERRAZ E SOLDATI, 2011)

Esse apogeu das mídias fez com que a forma como se pensava educação e mídias também sofresse transformações: o que antes foi visto de modo excludente, hoje é visto como meio de promoção da cidadania, ascensão social e garantia de bem estar. Em outras palavras, “passou-se a enxergar a mídia, a educação e a comunicação, não mais como meio de dominação ou exclusão, mas como partes integrantes de um sistema complexo, mas transformador.” (FERRAZ e SOLDATI, 2011).

Sendo assim, a exploração das tecnologias educacionais no contexto escolar é mais do que necessária, pois reforça a ideia de que a qualidade da educação perpassa pelo uso articulado de diferentes e novas formas de lidar com a produção de conhecimentos. E para isso é válido o uso de metodologias e recursos disponíveis que causem impactos positivos no que tange ao desenvolvimento de competências como: autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade frente a novas tarefas, assunção de responsabilidades e autoaprendizagem, além do trabalho em grupo e modo cooperativo e pouco hierarquizado (TRINDADE, 1992 apud BELLONI, 2005), as quais são necessárias no mundo competitivo e globalizado em que se vive.

Esses desafios da educação implicam em necessidades de adaptação na estrutura didática e pedagógica da escola. Implica em absorver as mídias com todo seu potencial e tomá-las sob o ponto de vista educativo, “enfatizando a necessidade do diálogo crítico entre as diferentes linguagens e conteúdo das mídias nas práticas educacionais” (OROFINO, 2005: 22)

Como a sociedade contemporânea é “mais antenada” será imprescindível focar mais na formação continuada do professor e no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias às novas perspectivas sociais, visto que “as tecnologias digitais trabalhando sobre os eixos das comunicações integradas e da engenharia do conhecimento fazem emergir uma sociedade cognitiva que, em sua banalização e uso constante, tende a causar impactos sociais.” (FERRAZ E SOLDATI, 2011).

> É a educação que inspira a tecnologia para a aventura de criar, inventar e projetar nossos bens fugindo aos riscos de facilmente comprá-los. Educação e tecnologia juntas para construir o mundo real sem as visões maravilhosas de um futuro tecnológico utópico e sem problemas. (FONTANA, 2005)

Aliar as tecnologias aos princípios educacionais pode ser um poderoso recurso no que concerne à melhoria na qualidade da educação, que tem padecido de descaso político e ao mesmo tempo é vista como o meio de transformação social, pois desempenha grandiosa relevância no desenvolvimento de um povo, promovendo cidadania e extinguindo as diferenças sociais. Nas palavras de Tedesco (2004:11) apud Ribeiro et alii (2007:10) “a incorporação das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa”.

Isso porque as demandas educacionais exigem a mudança de paradigmas educacionais e a integração das tecnologias de modo criativo e proficiente, como forma de mediatizar o ensino-aprendizagem, apropriando-se ao máximo do que as ferramentas comunicacionais e pedagógicas têm a oferecer para o processo educacional: criação de estratégias, metodologias, formação de educadores, produção de conhecimento. (BELLONI, 2005, p. 9)

Face ao exposto, convém justificar que a integração das tecnologias à educação é urgente, visto que estão cada vez mais presentes no universo dos jovens (BELLONI, 2005), mas tampouco cabe o deslumbramento: as ferramentas tecnológicas não são a “tábua de salvação” para os problemas educacionais.

> O aumento da adequação e da produtividade dos sistemas educacionais vai exigir, nesta passagem de século e de milênio, a integração das novas tecnologias de informação e comunicação, não apenas como meios de melhorar a eficiências dos sistemas, mas principalmente como

ferramentas pedagógicas efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo.

Trata-se de reconhecer a importância das tecnologias como fator positivo para uma educação de maior qualidade. Em outras palavras, reconhece-se que as tecnologias, por si só não modificam a realidade, elas precisam servir de mediatização entre os objetivos do ensino-aprendizagem e o que se pretende ensinar – o currículo – para que os objetivos pretendidos sejam alcançados. A integração das tecnologias à educação, nesse sentido, implica:

> [...]de um lado a seleção dos meios apropriados para determinada situação de ensino e aprendizagem, considerando os objetivos pedagógicos e didáticos previamente definidos, as características da clientela e acessibilidade ao meios; e de outro, a elaboração de um discurso pedagógico adequado a estes componentes e às características técnicas dos meios escolhidos. (BELLONI, 2005:26)

Portanto, conhecer essa tecnologia implica em desvendá-la em sua história, trajetória, possibilidades e potencialidades de uso, para que, assim, se possa melhor aproveitá-la dentro de um projeto pedagógico

Quando se analisa a presença dos meios de comunicação de massa e, principalmente, das novas tecnologias e sua influência na educação, chega-se à conclusão de que a aprendizagem seria totalmente prejudicada sem estes instrumentos. Assim, a presente proposta tem como objetivo evidenciar alguns aspectos relevantes do impacto das novas tecnologias na educação e as implicações dos desafios impostos para o ensino. A repercussão dos avanços tecnológicos tem provocado nas instituições de ensino, mudanças em seu comportamento, passando da tranquilidade de um sistema educativo social conservador e estático, para um sistema educativo dinâmico, onde as mudanças no ambiente e na tecnologia obrigam os educadores a obterem conhecimentos gerais e específicos para fazer frente à nova realidade.

Observa-se que dentro da área da educação, por exemplo, há uma necessidade de incorporar no aprendizado docente o uso das tecnologias como apoio didático pedagógico, para que o docente direcione o desenvolvimento das atividades em sala de aula, mas também tornando-as mais adequado a juventude dos dias de hoje, chamados digitalizados, porém, para que isso ocorra é necessário que haja uma política pública mais ativa para a formação específica desses

docentes, e esta ausência de políticas públicas acaba criando uma defasagem na inserção dessa tecnologia em algumas escolas.

A democratização do saber por meio da informação propõe alternativas que buscam produzir, socializar e facilitar o acesso ao conhecimento, ultrapassando a metodologia de trabalho fundamental da reprodução para a produção de conhecimento. Por isso, torna-se necessário buscar um referencial teórico que discuta a questão prática e a teoria na educação.

Os computadores, que estão cada vez mais presentes na sociedade, chegaram às escolas como recurso importante para a modernização do sistema educacional, permitindo e facilitando a concretização da produção de trabalhos, por exemplo, o acesso à internet trouxe consigo mudanças radicais no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, a sua inserção no ensino é um processo irreversível e a revolução tecnológica em curso, está se dando sem que os educadores possam detê-la. Diante dessas provocações o objetivo é levar a comunidade envolvida com educação, a pensar na forma como o processo de ensino/aprendizagem se transformou nos últimos anos e como ele ainda passará por novas mudanças, graças à influência da tecnologia.

Diante disso, faz-se necessário um acompanhamento do impacto tecnológico sobre a educação escolar, com o objetivo principal das melhorias da qualidade do ensino.

As instituições de ensino encontram-se num contexto de elevada pressão em relação aos avanços tecnológicos que, por um lado, lhes garantem melhores condições didáticas e pedagógicas e, de outro, que ocasiona mudanças ambientais e tecnológicas de uma era da modernidade. Assim, no atual contexto tecnológico em que o mundo se volta completamente para um sistema dominado pela tecnologia, é necessário despertar-se para um modelo educacional que acompanhe este sistema. Para isso, as escolas devem atender a um apelo de ampla abrangência mundial, onde é indispensável o conhecimento teórico e prático desse processo global.

A educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os alunos. A sala de aula pode ser considerada uma "tecnologia" da mesma forma que o quadro negro, o giz, o

livro e outros materiais, são ferramentas "tecnológicas" pedagógicas que realizam a mediação entre o conhecimento e aquele que absorve o que lhe é ensinado.

Para tanto, o entendimento deste assunto exige o conhecimento da integração entre os meios tecnológicos e didáticos, no sentido de garantir o melhor para que a educação prepare o homem que deva atuar em cada espaço de tempo atendendo às necessidades educacionais das sociedades.

Ao fazer uma análise dentro de uma escola vemos o quanto as tecnologias tem ajudado no aprendizado, visto que muito dos discentes matriculados tem dificuldade de aprendizagem e não teriam a chance de concluir os estudos em período normal, sem o uso das mídias visuais possibilitando o entendimento deles, os recursos tecnológicos permitem que os alunos interajam em tempo real com os professores.

No entanto, para que essa tecnologia assim como outras sejam aplicada corretamente dentro de qualquer estabelecimento de ensino é fundamental que os docentes sejam capacitados não só para o uso da tecnologia, mas com a didática que será usada para que não use o método novo, mas com o mesmo ensino retrogrado.

Vale frisar que os alunos que não se enquadram na realidade das transformações tecnológicas e científicas, apresentam dificuldades em entender o mundo a sua volta, pois, cada vez mais os meios de comunicação são colocados a serviço da educação e da vida.

Faz sentido lembrar aos educadores o fato de que a fala humana, a escrita, e, consequentemente, aulas, livros e revistas, para não mencionar currículos e programas, são tecnologia, e que, portanto, os educadores vêm usando tecnologia na educação há muito tempo. É apenas a sua familiaridade com essas tecnologias que as torna transparentes e invisíveis a eles. "Tecnologia na Educação" é uma expressão preferível à "Tecnologia Educacional", pois esta sugere que há algo intrinsecamente educacional nas tecnologias envolvidas. A expressão "tecnologia na educação" deixa aberta a possibilidade de que tecnologias que tenham sido inventadas para finalidades totalmente alheias à educação, como é o caso do computador, do celular, da TV digital interativa mesmo que ainda seja um grande paradigma na sociedade escolar como um todo, por não ser conhecida não se cogita usar tal ferramenta, mas isso mudará aos poucos, assim como foi com o uso

do computador, internet etc... Possam, eventualmente, ficar tão ligadas a ela que se torna difícil imaginar como a educação era possível sem elas. A fala humana (conceitual), a escrita, e, mais recentemente, o livro impresso, também foram inventados, provavelmente, com propósitos menos nobres do que a educação em vista. Hoje, porém, a educação é quase inconcebível sem essas tecnologias.

Em geral, pedagogia e tecnologia sempre foram elementos fundamentais e inseparáveis da educação. Assim, tecnologia é uma forma de conhecimento. "Coisas" tecnológicas não fazem sentido sem o "saber como usá-las, consertá-las, fazê-las". Conforme VALENTE (1999, p.199), “[...] tecnologia é um conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular”.

Um desafio a enfrentar hoje na formação do educador, segundo FRIGOTTO (1996), é a questão da formação teórica e epistemológica. E esta tarefa não pode ser delegada à sociedade em geral. Para o autor, o lócus adequado e específico do desenvolvimento do docente é a universidade, onde se articulam as práticas de formação-ação na perspectiva de formação continuada e da formação inicial.

2.3 ALGUNS EQUIPAMENTOS DAS TICs

Com as Novas Tecnologias da Informação abrem-se novas possibilidades à educação, solicitando assim, uma nova presença do educador. Com a utilização das tecnologias na educação, podem-se obter novas informações, fazendo assim, uma conexão com alunos e professores, permitindo que o educador trabalhe melhor o desenvolvimento do conhecimento.

O acesso à internet nas escolas permite que a aprendizagem ocorra frequentemente no espaço virtual, que precisa ser introduzido às práticas pedagógicas. A escola é um ambiente privilegiado de interação social, mas este deve interligar-se e integrar-se aos demais espaços de conhecimento hoje existentes e incorporar os recursos tecnológicos e a comunicação, concedendo fazer as pontes entre conhecimentos e se tornando um novo elemento de cooperação e transformação. A forma de produzir, armazenar e disseminar a informação está se transformando; o enorme volume de fontes de pesquisas é aberto aos alunos pela Internet.

A necessidade de aprimorar a aprendizagem, tem resultado na busca incessante de recursos que possam estimular o aluno do Ensino Fundamental a se envolver por completo com as atividades propostas no contexto escolar (ALVES, 2010).

Com o passar do tempo, os recursos tecnológicos passaram a fazer parte da vida das pessoas, sendo que em qualquer lugar eles se fazem presentes, seja no local de trabalho, na escola ou em casa. Vale ressaltar que atualmente vários recursos tecnológicos estão disponíveis nas escolas. A utilização destes recursos pode contribuir com as aulas mais atrativas nas diferentes disciplinas educacionais, podendo colaborar inclusive com a integração delas entre si e com o processo de apropriação da leitura.

Para Santos (2009) a incorporação de novas tecnologias e suas linguagens no cotidiano de todos, vem influenciando o processo de ensino aprendizagem. Os recursos tecnológicos a disposição dos professores e alunos apresentam novos conhecimentos, seja através de uma aula expositiva, um texto escrito, uma atividade, uma imagem ou um programa de vídeo. Essas inovações tecnológicas estão presentes nas escolas, valorizando a autonomia e os conhecimentos informais do aluno.

Acredita-se, portanto, que os recursos tecnológicos, quando bem utilizados, contribuem para uma nova visão educacional. Incumbindo a escola oferecer ao educando a inclusão tecnológica, visto que a tecnologia da informação é uma realidade (PALHARES, 2015).

A introdução dos computadores nas escolas públicas aconteceu vinculada a importância de se perceber a necessidade de planejamento e capacitação daqueles que assumiam o papel de mediadores do processo, ou seja, professores, técnicos e gestores. Evidentemente, sem um planejamento cuidadoso a respeito da forma como os recursos tecnológicos seriam utilizados e repassados aos alunos, provavelmente ocorreria muitos equívocos a respeito da verdadeira função destes recursos no sentido de acelerar o processo de ensino e aprendizagem (MELO, 2009).

O computador, utilizado como ferramenta de inovação pedagógica, pode ajudar o professor a enriquecer sua prática e a tentar modificá-la, mas para isso, é necessário que o professor tenha a disposição para poder evoluir em sua práxis,

fundamentando-se em teorias que lhe permitam identificar os problemas, as limitações e o estilo assumido em seu modo de agir e ainda buscar formas de atuação que promovam um maior desenvolvimento de seus alunos.

Desta forma, Almeida nos explica que, o professor mediador procura reconhecer o momento propício de intervir para:

> [...] promover o pensamento do sujeito e engajar-se com ele na implementação de seus projetos, compartilhando problemas, sem apontar soluções; respeitando os estilos de pensamento e interesses individuais; estimulando a formalização do processo empregado; ajudando assim o sujeito a entender, analisar, testar e corrigir os erros. (ALMEIDA 2011, pp.229)

O objetivo de introduzir novas tecnologias na escola consiste em realizar coisas novas e pedagogicamente produtivas que não podem ser efetivadas de outras maneiras. O professor aprendiz, utilizando metodologias adequadas, poderá utilizar estas tecnologias. A escola passa a ser um lugar mais interessante que prepararia o aluno para o seu futuro.

Às escolas cabe a introdução das novas tecnologias de comunicação e conduzir o processo de mudança da atuação do professor, que é o principal ator destas mudanças, capacitar o aluno a buscar corretamente a informação em fontes de diversos tipos. É necessário também, conscientizar toda a sociedade escolar, especialmente os alunos, da importância da tecnologia para o desenvolvimento social e cultural. As mais avançadas tecnologias poderão ser empregadas para criar, experimentar e avaliar produtos educacionais, cujo alvo é avançar um novo paradigma na Educação.

2.4 A ESCOLA E OS ACERVOS DAS TICs

A questão de como preparar o aluno com as habilidades que se supõem necessárias, e ao mesmo tempo ajustá-lo às características do mercado de trabalho atual, é discutível. Hoje, a introdução da informática no ensino vem sendo discutida no sentido de apoiar ambientes de aprendizagem mais abertos e motivadores, principalmente através de tecnologias de multimídia.

> Pensar na educação apenas como uma forma de transferência de conhecimento do professor para o aluno, como um despejar de informação de um recipiente para o outro, não é mais possível. [...] Nem mesmo sabemos o que vão ser e fazer daqui a alguns anos. Os alunos de hoje não podem pressupor que terão uma só carreira em suas vidas,

> porque os empregos que hoje existem estarão radicalmente alterados no futuro próximo. Para que sejam bem sucedidos, os indivíduos precisarão ser extremamente flexíveis, podendo, assim, mudar de uma companhia para outra, de uma carreira para outra [...] (CHAVES, 2011, p. 2).

Essa visão técnica ligada à informática mostra algo bem relevante: não estamos mais no momento de assumir tendências ultrapassadas, inclusive há uma discussão sobre a revisão do paradigma tradicional, no qual o professor "ensina" e o aluno "aprende". Nesse modelo, o professor apresenta ao aluno o conteúdo a ser "ensinado" de forma sistematizada.

Mas não basta inovar através de técnicas motivadoras de aprendizagem, é preciso também repensar os ambientes de aprendizagem e as concepções teóricas que os apoiam bem como despertar nos professores a necessidade de reverem a postura de "transmissores do conhecimento" (ALCANTARA, 2018).

Evidências da baixa qualidade do ensino tradicional e a falta de interesse e a insegurança que o aluno tem com relação aos conteúdos tratados e dificultam a conexão deste com outros temas e áreas do conhecimento.

Nesse aspecto, o professor é levado a dar uma atenção especial ao conteúdo programático, seguindo-o quase sempre de forma monótona e linear. A comunicação fica comprometida, porque o aluno não se sente estimulado a dialogar com o professor, ficando apenas aguardando questionamentos. O professor ministra o conteúdo da mesma forma acadêmica que o recebeu da universidade, sem ajustá-lo à realidade do aluno e ao crescente ritmo das mudanças da realidade atual.

Muitos estudantes abandonam cursos devido a reprovações, mas exercem atividades na área técnica com competência, colocando em xeque as avaliações realizadas ou os objetivos que as instituições buscam alcançar. Isso nos leva a refletir se o papel da escola está atendendo ao objetivo central proposto pela educação formal, a saber, ajudar a desenvolver o espírito crítico e reflexivo do aluno.

Se o treinamento tem sua importância em diversos momentos da vida profissional, com certeza não é o mais adequado para capacitar pessoas a enfrentarem as mudanças de habilidades profissionais exigidas pelo mercado de trabalho, em constante renovação.

2.5 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: UM ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR

É através de um processo formativo capaz de mobilizar os saberes da teoria da educação que os docentes compreenderão e desenvolverão as competências e habilidades necessárias para a investigação da sua própria atividade. Evidencia-se então que:

> A formação e o trabalho docente é uma questão importante uma vez que o mesmo deve estar consciente que sua formação deve ser contínua e está relacionada ao seu dia-a-dia, segundo Nóvoa (2003 p.23) "O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente". Para este estudioso a formação continuada se dar de maneira coletiva e depende de experiência, reflexões como instrumentos de análise.

Neste contexto compreende-se que o ser professor deve estar em constante desenvolvimento em sua pratica docente, a busca constante pelos novos conhecimentos em seu dia a dia relacionando com uma forma coletiva onde nesse vinculo a sua experiência será muito maior e sua formação continuada serão essenciais para mostrar reflexões centradas nos aprendizados continuo de maneira cabível para uma formação de crescimento e de melhor estrutura de uma pratica docente.

Quando se refere à formação continuada, são enfatizados os seguintes aspectos do profissional: a formação, a profissão, a avaliação e as competências que cabem ao profissional. O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho.

Segundo o estudioso Philippe Perrenoud (2009), a formação profissional contínua se organiza em determinadas áreas prioritárias, dentre elas estão as competências básicas que cabem ao educador. Desse modo, gerir a progressão da aprendizagem, tem como ponto de partida situações problemas ajustadas aos níveis e possibilidades dos alunos, para que para que se obtenha uma visão longitudinal dos objetivos do ensino primário, estabelecendo-se relações com teorias subjacentes às atividades de aprendizagem, além de se observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem, segundo uma abordagem formativa,

estabelecendo-se balanços periódicos de competências e tomando-se decisões de progressão.

Um dos fatores mais importante da profissão é o trabalho em equipe, esta competência leva a transcender, elaborar projeto de equipe, representações comuns. Animar um grupo de trabalho conduzir reuniões, formar e renovar uma equipe pedagógica, confrontar e analisar juntos situações complexas, práticas e problemas profissionais, administrar crises ou conflitos entre pessoas.

A formação dos professores vem crescendo nos últimos anos, pode-se refletir sobre as práticas e saberes da docência, desta forma o campo da formação de professores ao final do século XX viu chegar novos termos e conceitos referentes aos docentes, sua formação e seu trabalho.

Expressões como: epistemologia da prática, professor-reflexivo, prática-reflexiva, professor-pesquisador, saberes docentes, conhecimentos e competências passaram a fazer parte do vocabulário corrente da área. Apreciados ou não, esses novos termos e conceitos se incorporaram aos debates sobre a Educação e, particularmente, sobre a formação dos professores.

Alguns autores tão diversos como Tardif (2002), Shulman (1987) e Pimenta (2002), a perspectiva que investiga os saberes dos docentes pode contribuir com o desenvolvimento profissional dos professores, no entanto, para outros, como Arce (2001) e Duarte (2003), ela pode ser compreendida como um recuo no modo de se conceber a formação do professor, representando um ajustamento ao ideário neoliberal. Vai ficando claro então que abordar o campo dos saberes da docência está longe de ser algo fácil e não problemático, principalmente em um contexto em que aquilo que é novo é, muitas vezes, rapidamente abraçado ou refutado (Pimenta, 2002).

Todo processo de formação continuada tem que ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do professor. Essa busca de conhecimento possibilita que o professor venha ter uma formação que aprimore seu fazer pedagógico, possibilitando a este que desenvolva maior autonomia e liberdade para ministrar conteúdos que venha atrair e manter atenção dos alunos nos conteúdos vistos em sala de aula.

Sobre o professor em serviço também recaem algumas novas exigências. Mais do que nunca, o educador deve estar sempre atualizado e bem informado,

não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas, principalmente, em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais. Diante deste panorama a seguir, alguns apontamentos a respeito da ampliação do reconhecimento da necessidade e importância da capacitação dos profissionais da educação por meio da formação continuada.

O processo de formação continuada de professores não é novidade. Vários são os autores que apresentam discussões sobre esta temática e ressaltam sua relevância para os profissionais do ensino, como Candau (1997), Nascimento (2000), Pimenta (2002), entre outros.

A formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação do professor, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança. Fica mais difícil de o professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

Essa formação tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos (PIMENTA, 2002).

No entanto a formação continuada não descarta a necessidade de uma boa formação inicial, mas para aqueles profissionais que já estão atuando, há pouco ou muito tempo, ela se faz relevante, uma vez que o avanço dos conhecimentos, tecnologias e as novas exigências do meio social e político impõem ao profissional, à escola e às instituições formadoras, a continuidade, o aperfeiçoamento da formação profissional. Mas, para que realmente a formação continuada atinja seu objetivo, precisa ser significativa para o professor. Segundo Nascimento (2010), as propostas de capacitação dos docentes têm apresentado baixa eficácia, e algumas das razões apontadas são: a desvinculação entre teoria e prática; a ênfase excessiva em aspectos normativos; a falta de projetos coletivos e/ou institucionais; entre outros.

A educação é uma prática essencialmente humana, cabendo-lhe transcender a ritualização pedagógica e considerar a amplitude de sua influência na existência do ser humano. Institucionalizada nas escolas, a educação tem sido instrumento social lapidado por interesses capitalistas ao reproduzir a ideologia e as relações de produção típicas deste sistema econômico.

A sociedade e suas divergências são reproduzidas, em menor escala, nas instituições educativas. Há, tanto na sociedade, quanto nas unidades escolares, sujeitos postos a margem e estigmatizados por não se adequarem aos padrões normatizados pelo senso comum (TELES, 2018).

A escola é uma instituição normativa e formadora de indivíduos socialmente adaptáveis ao meio social padronizado pelo senso comum. Quando ocorre algum dano no processo de socialização, fundamentado em fragilidades subjetivas a cada sujeito, cabe a escola rever seus processos e práticas instrumentalizando-os em favor do desenvolvimento do indivíduo.

A atualização da relação entre a escola e a sociedade não deve apenas ser fruto de determinações do processo de desenvolvimento econômico capitalista, mas atentar para especificidades dos diferentes sujeitos em seus contextos nas dimensões subjetivas, políticas, históricas e culturais (ALVES, 2016).

Pensando acerca dos grandes mestres do passado remoto e daqueles que permanecem como forte inspiração a prática docente, podemos afirmar que no decorrer da vida como aprendiz é notório ser a maior realização do professor a certeza de compartilhar seus saberes e acessar novos conhecimentos na interação com os alunos, bem como, ter a certeza de que forma indireta, ou mesmo direta, afeta o desenvolvimento, o crescimento e a sede por conhecimento de inúmeros grupos. Como docentes, mestres da fala, do ato e da vida como exemplo, temos um grande poder nas mãos. Cada palavra pronunciada, cada ato posto em voga, pode tanto incentivar um aluno, como destituir com seus anseios (MATOS, 2016).

Os professores trilham os rumos planejados no processo de ensino-aprendizagem certos de ser determinante convencer os alunos de que aquilo que está sendo transmitido contribuirá positivamente ao sucesso de suas vidas. E que a recusa por enxergar as contribuições disponibilizadas pelos professores irá fechar-lhe as oportunidades antes mesmo de compreender seu sentido (BRAZÃO, 2016).

A tentativa de estabelecer um ambiente de empatia, instigando os alunos a participar das aulas e a criação de condições e estratégias a laços de amizade com os alunos favorecem discussões, pois os mesmos sentem-se estimulados a trazerem suas próprias experiências para as aulas. Na maioria das salas de aula, até que professor rogue por participação e incite a crítica, poucos são aqueles que o fazem espontaneamente.

A preocupação dos alunos atualmente centra-se nas incertezas do amanhã. E como adultos não temos mais uma resposta convincente as suas problemáticas pessoais. A individualização de acesso a informações pelos alunos não depende mais somente dos livros nem dos professores, pois tanto alunos como os professores, com acesso a internet, tem a seu dispor informações inúmeras e imediatas. A acessibilidade de informações por parte dos alunos, muitas vezes, prejudica o aprendizado, na medida que há pouca criticidade acerca do que é lido bem como certificação da veracidade das informações reproduzidas (BARBIERI, 2017).

O papel do professor é o de ser mais orientador, ou seja, um guia para ajudar os alunos a não se perderem na quantidade de inúmeras informações existentes no mundo. Como profissional de educação, creio ser importante criar relações claras entre a disciplina lecionada e suas inferências na vida cotidiana.

A partir do momento em que se compreende ser a escola um instrumento de formação para a vida real, começa a compreensão de que a participação crítica é positiva para o aprendizado escolar e nas demais esferas sociais. A participação dos alunos é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento. Por mais que um professor instigue, sem alunos curiosos não há construção de conhecimento, e algumas vezes nem mesmo a mera transmissão do saber. A participação em sala de aula deve ser incentivada constantemente pois a falta de conhecimento viabiliza a alienação, e como docentes, temos que instigar a formação de uma sociedade forte, crítica e consciência (FARIAS, 2016).

A importância da formação continuada, que no mundo atual é vital para o professor, está baseada na busca de novos conhecimentos para o crescimento profissional, que repercutem na necessidade de continuar pesquisando, refletindo e questionando sua área de conhecimento, podendo ser uma empreitada individual ou uma ação coletiva.

A formação do professor como fundamento essencial para a prática pedagógica levanta questões relevantes sobre esta formação, e revela que ainda é possível notar no espaço escolar concepções que consideram o professor como simples técnico reprodutor de conhecimento e/ou monitor de programas pré-elaborados, e com essas práticas sendo desenvolvidas, o fracasso escolar e as desigualdades escolares se fortalecem (PIMENTA, 2012).

E para que elas possam ser superadas ela ressalta a importância e necessidade de repensar a formação de professores. Neste sentido a autora enfatiza a importância de se repensar a formação inicial e contínua do docente, a partir das suas práticas pedagógicas, pois, apoiando-se apenas nas estruturas das concepções reprodutoras não é possível compreender as desigualdades nas práticas pedagógicas e nas organizações escolares.

Na sociedade em que a escola desenvolve sua proposta pedagógica existem pressões que se manifestam por todos os setores em face da velocidade das informações, da revolução tecnológica e da competitividade no mercado de trabalho. Há uma situação de instabilidade geral que provoca insegurança e incertezas, com o próprio tempo adquirindo novas dimensões, em nada se assemelhando a outras épocas, principalmente quando se pensa na instituição escolar como um espaço sócio-cultural. Assim, nessa segunda década do século XXI, denominada de “pós-modernidade”, as transformações são evidentes na forma como a escola tem desempenhado seu trabalho:

> Pós-modernidade é uma condição na qual as vidas políticas, econômicas, organizacionais e até mesmo a pessoal passam a ser organizadas em torno de princípios muito diferentes daqueles da modernidade. Filosófica e ideologicamente, os avanços nas telecomunicações ao lado do alargamento e rapidez na divulgação da informação fazem com que se rompam antigas certezas ideológicas e as pessoas descubram que existem outras formas de viver (HARGREAVES, 2014, p. 37).

Não há dúvida, portanto, que em diversificados campos de atividade, muitos profissionais buscam a inovação, o diferente, formas alternativas e pouco convencionais de agir, numa corrida para se atingir os objetivos propostos. Apesar das instituições de ensino constituírem espaços formadores do cidadão e disseminadoras da cultura, observa-se que os professores, possuem muitas

habilidades por eles adquiridas no próprio ambiente de trabalho, em um tempo muito inferior ao que se julga ser necessário.

A questão de como utilizar a escola enquanto espaço sócio-cultural gera muitas discussões. Hoje, a introdução da tecnologia e de formas inovadoras de ensinar vem sendo discutida no sentido de se apoiar ambientes de aprendizagem mais abertos e motivadores com foco na formação sócio-cultural do aluno.

Os desafios postos pelas politicas educacionais são grandes para os professores na escola, pois exige-se que o professor utilize a instituição como um espaço sócio-cultural para a formação do aluno. Na realidade isso é um paradoxo, pois muitos têm como vantagem apenas sua frágil e ultrapassada formação, crenças referentes à capacidade humana de aperfeiçoamento, o ideal de educação.

Habermas (2008) diz que o problema maior reside na visão idealista, um tanto ingênua do trabalho educativo, distanciado da realidade dos dias atuais. A função da escola na sociedade contemporânea tem como objetivo básico à socialização dos alunos, que consiste em prepará-los para o trabalho e formá-los como cidadãos, levando em consideração suas práticas culturais.

Se antes era necessário o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, hoje isto é condição primeira para a realização e sobrevivência no mundo do trabalho e a participação efetiva na vida pública.

Hoje, já existe o consenso de que a escola é um espaço de formação sócio-cultural por excelência, ao mesmo tempo em que a tarefa do professor é múltipla, tendo várias facetas: o professor é, ao mesmo tempo, administrador, gerenciador de suas ações, planejador, sistematizador, programador e avaliador. Também é orientador, buscando cada vez mais compreender a necessidade de ter intensa vida cultural e social participando de projetos e eventos necessários ao seu desenvolvimento e profissionalização principalmente em relação a diversidade sócio-cultural que se apresenta na escola.

O professor precisa aprimorar sempre seu conhecimento, com base numa atitude que serve de exemplo para os alunos. Segundo Bordieu (2004, p.19) o professor “vivencia e compartilha com os alunos a metodologia que está preconizando”.

Portanto, ao utilizar a escola como um espaço sócio-cultural o professor busca construir uma nova metodologia mais adequada aos novos tempos com o

objetivo de usar favoravelmente os recursos didáticos e pedagógicos em suas aulas. Desta forma o professor mediador na educação contemporânea, procura reconhecer o momento propício de intervir, usando a escola como um espaço sócio-cultural, com isso, temos a seguinte afirmação de Almeida (2011, p. 29)

> [...] promover o pensamento do sujeito e engajar-se com ele na implementação de seus projetos, compartilhando problemas, sem apontar soluções; respeitando os estilos de pensamento e interesses individuais; estimulando a formalização do processo empregado; ajudando assim o sujeito a entender, analisar, testar e corrigir os erros.

Isso mostra que o professor, utilizando metodologias adequadas, pode auxiliar e influenciar na formação cultural do aluno. Isso favorece a noção de que a educação deve se tornar um instrumento mais interessante que prepara o aluno para o futuro. Essa é a política educacional necessária para que o sistema de ensino avance.

Por outro lado, as escolas, precisam desenvolver recursos e profissionais mais adequados as necessidades dos alunos apoiando o processo de mudança na atuação do professor, que é um dos principais agentes de mudanças, buscando capacitar o aluno para lidar com os desafios do cotidiano. Para Esteve (2013, p. 29):

> É necessário também, conscientizar toda a sociedade escolar, especialmente os alunos, da importância das mídias para o desenvolvimento social e cultural. As mais avançadas tecnologias poderão ser empregadas para criar, experimentar e avaliar produtos educacionais, cujo alvo é avançar um novo paradigma na Educação.

O trabalho do docente nesta primeira década do século XXI, ainda é caracterizado uma série de contrapontos: o currículo muitas vezes inflexível, o planejamento que, frequentemente, não tem aplicação prática a diversidade de situações que o aluno enfrenta no dia a dia, as metodologias de ensino que tornam o trabalho do professor cansativo e indigesto e a didática tradicional que reproduz uma concepção de ensino e aprendizagem vazia de sentido e contraditória.

Esse último quesito é ainda mais preocupante quando se percebe que a pesquisa-ação ainda não é uma prática desenvolvida por muitos docentes que trabalham no contexto escolar. Geralmente, nota-se a preocupação de muitos profissionais em desenvolver seu conhecimento teórico em detrimento de uma

prática necessária e atuante. Outros preferem desenvolver a ação pedagógica sem informações teóricas suficientes para fundamentar a *práxis,* o que pode resultar em um trabalho desconectado com as principais tendências e pressupostos de educadores do passado que conseguiram contribuir com suas teorias para a autonomia e emancipação do pensamento educacional (FRANCO, 2016).

Infelizmente a tendência de se desenvolver uma didática de cunho tradicionalista ainda é preocupante, pois tem limitado a formação de sujeitos que tenham como ponto de apoio a auto-suficiência, a crítica, a criatividade, o diálogo com a realidade, a disciplina e o comprometimento de todos com a educação capaz de gerar valores, responsabilidades e a formação crítica.

De acordo com Alves (2006, p. 35) diferente dessa tendência é preciso "procurar novas visões sobre os mais variados temas, apresentando uma maneira particular de entender a realidade e fazendo seu próprio questionamento, a fim de chegar à elaboração da própria visão sobre as questões cotidianas".

Isso pode fazer a diferença entre o sucesso ou o fracasso do ensino e aprendizagem na escola, ou seja, é preciso ir de encontro a noção de educador como aquele profissional que tem a preocupação principal de apenas transmitir conteúdos, buscando sempre refletir sobre seu papel e a importância de desenvolver uma didática que seja viva, transformadora, dinâmica e atuante.

É evidente que isso incita a análise de uma questão anterior a essa, ou seja, a qualidade da formação do docente para o exercício da profissão. Quando se discute de forma realista essa situação, então é possível entender porque os reflexos de uma educação tradicionalista ainda são recorrentes na prática docente e na didática atualmente adotadas na escola.

Desse modo observa-se que faltam professores em redes públicas de educação, pois mesmo havendo pessoas com formação, estas se recusam a ministrar aulas em função dos baixos salários ou do desgaste profissional. Jovens recém-formados são recrutados para que não se fique sem aula nas escolas. Em certas regiões, faltam profissionais da educação até na rede privada, cujo salário é um pouco mais adequado.

Há casos em que melhorias salariais e cursos de formação são propostos pelo governo ou pelos mantenedores do ensino, preocupados com a profissionalização, formação e especialização dos profissionais, bem como com a

aprendizagem do aluno mediante a informatização dos recursos didáticos e pedagógicos.

Para alguns segmentos da sociedade, o educador e a escola são necessários, exigindo-se criatividade no trabalho, bem como a necessidade de preparar as novas gerações para uma sociedade de rápidas mudanças. A situação do professor tem, obviamente, uma relação intrínseca com a percepção social do valor das instituições escolares e dos recursos que ela emprega.

O fato de existir um desconforto, promovido pelas politicas educacionais em curso, especialmente no tocante ao papel do educador é abordado por Esteve (2013) a respeito do desconforto profissional vivido pelos docentes, gerado por fatores, como:

a) Aumento de exigência em relação ao professor: é cada vez maior o número de responsabilidades. Além do domínio da disciplina, pede-se que ele seja pedagogo, organizador de grupo, que cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social, da educação sexual, e assim por diante. Tal aumento de exigência não seria acompanhado, segundo o autor, pela alteração na formação do professor;

b) Inibição educativa de outros agentes de socialização: a família, em virtude da incorporação da mulher no trabalho e da redução do número de seus membros e horas de convívio, vai delegando à escola maior responsabilidade no que diz respeito a um conjunto de valores básicos*;*

c) Desenvolvimento de fontes de informações alternativas: os meios de comunicação alteram o papel transmissor do professor, obrigando-o a integrar tais meios à aula*;*

d) Ruptura do consenso social sobre educação: atualmente, a sociedade encontra-se perante uma socialização divergente: uma sociedade pluralista que defende modelos de educação opostos e a aceitação de conteúdos multiculturais*;*

e) Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo: os pais sentem-se desamparados em relação ao futuro dos filhos, em especial, em virtude do aumento das taxas de desemprego. Percebem que a educação não gera automaticamente maior igualdade social, abandonando a idéia de ensino como promessa de um futuro promissor. Por outro lado, a emergência de uma sociedade

voltada para o prazer individual acaba por gerar uma defesa incondicional dos alunos, sejam quais forem os conflitos e as razões que assistem ao professor;

f) Menor valorização social do professor: como o status social é estabelecido em termos exclusivamente econômicos, a função de docente passa a ser desconsiderada ou relativizada;

g) Mudança dos conteúdos curriculares: a velocidade da criação e da socialização de informações gera uma permanente insegurança a respeito da atualidade do conhecimento à disposição do professor;

h) Escassez de recursos materiais;

i) Mudança na relação professor-aluno; o autor destaca a impunidade crescente dos alunos;

j) Fragmentação do trabalho do professor. Neste aspecto destacam-se o acúmulo de tarefas, envolvendo administração, programação, avaliação, reciclagem, orientação aos alunos, atendimento aos pais, participação em seminários e reuniões de coordenação.

No contexto das múltiplas contradições e transformações socioeconômicas e políticas em que se apresenta mergulhada a educação brasileira na sociedade contemporânea, pode-se perceber que entre as significativas transformações que ocorreram e ocorrem em relação à formação de professores em termos de pesquisas educacionais, ainda vivencia-se no interior de muitas escolas o fracasso escolar, e muitas vezes o professor é julgado e condenado como único mentor desse fracasso, o que muitas vezes o faz desistir da docência o que é lamentável. Então, questiona-se, por que dessa disparidade, dessa falta de sintonia entre os avanços teóricos e suas transposições referenciais como base para uma prática docente significativa nas escolas brasileiras e no contexto local. Pensa-se que é preciso compreender como ocorre a formação do professor, o que e como pensa a sua prática, e se tem clareza do seu papel como agente educativo de fundamental importância no processo educacional.

Em relação a essa questão da formação levanta-se questões relevantes sobre esta formação, e revela que ainda é possível notar no espaço escolar concepções que consideram o professor como simples técnico reprodutor de conhecimento e/ou monitor de programas pré-elaborados, e com essas práticas

sendo desenvolvidas, o fracasso escolar e as desigualdades escolares se fortalecem.

E para que elas possam ser superadas ela ressalta a importância e necessidade de repensar a formação de professores. Neste sentido a autora enfatiza a importância de se repensar a formação inicial e contínua do docente, a partir das suas práticas pedagógicas, pois, apoiando-se apenas nas estruturas das concepções reprodutoras não é possível compreender na sua totalidade como se opera a produção das desigualdades nas práticas pedagógicas e nas organizações escolares.

Nota-se que o próprio professor reconhece a importância e necessidade da formação e/ou qualificação para desenvolver um trabalho dinâmico que realmente atenda as expectativas da formação para o exercício da cidadania. Sem essa qualificação, o professor que lida com turmas diversificadas pode contar apenas com sua experiência, sem qualquer subsídio científico para trabalhar com recursos didáticos e pedagógico que dinamizem a aprendizagem dos alunos que estão sob sua responsabilidade.

Essa resposta direta e cheia de significados remete ao que diz Nóvoa (2007, p. 81) quando explica que “a ampliação do número de cursos é um meio de preparar com eficiência os docentes para enfrentar os desafios da prática pedagógica”.

O professor reflexivo não pode, e nem deve caminhar sozinho, é preciso que a escola como um todo, também seja uma escola reflexiva, pensante, crítica e envolvente. A autora ressalta que a escola neste sentido, tem que ser organizada, de modo a criar condições de reflexibilidade individuais e coletivas, e a autora vai mais longe, ao apontar que a escola tem de se pensar a si própria, na sua missão e no modo como se organiza cumpri-lo, para que dê conta de responder aos seus objetivos. e necessidades. E enfatiza ainda que para formar professores reflexivos para e numa escola reflexiva, faz-se necessário “[...] vencer as inércias, é preciso vontade e persistência. É preciso fazer um esforço grande para passar do nível meramente descritivo ou narrativo, para o nível em que se buscam interpretações articuladas e justificadas e sistematizações cognitivas” (ALARCÃO, 2013, p. 47).

Pode-se constatar que nas inúmeras experiências de formação de professores que na maioria das vezes, fala-se muito, há discursos pomposos, bonitos, entretanto, vazios de sentido e sem articulações com a prática pedagógica

e docente. Não se percebe mudanças na prática, é como se não tivesse ponte, conexão com o cotidiano da escola, e os mesmos erros ou dificuldades se repetem anos, pós anos, por não conseguirem fazer a ponte, a conexão significativa, crítica, que permita ou favoreça o professor a agir e falar com propriedade, firmeza com o poder da razão, do conhecimento.

Em termos simples é necessário no tempo atual ampliar o número de cursos de formação e especialização direcionados ao professor no ensino e aprendizagem. E isso não é apenas uma questão de quantidade, mas de qualidade, pois os desafios para o exercício do professorado são cada vez mais diversificados fazendo com que muitos escolham o caminho mais fácil e exerçam sua atividade de maneira pró-forma: cumprem horário, ministram aulas baseadas em planejamentos que apenas se repetem e avaliam apenas preocupados com notas. Portanto, deve-se mudar a atitude em relação a prática pedagógica e a formação continuada como meios de superar os desafios impostos pelo meio intra e extra escolar.

Assim, políticas educacionais fundamentadas na realidade, adequadas as necessidades dos alunos, embora não sejam colocadas em prática, é uma necessidade urgente se o desejo de todos é a transformação social igualitária, afinal, conforme Demo (2006, p. 49) “o sistema não teme o pobre com fome, teme o pobre inteligente, consciente dos seus direitos e deveres”

As políticas da educação reconhecem que a tarefa docente é múltipla, tendo várias facetas: o professor é, ao mesmo tempo, administrador, gerenciador de suas ações, planejador, sistematizador, programador e avaliador. Também é orientador, buscando cada vez mais compreender a necessidade de ter intensa vida cultural e social participando de eventos necessários ao seu crescimento e profissionalização principalmente em relação aos recursos que a tecnologia informacional dispõe.

A importância da valorização profissional do professor no âmbito das exigências de sua prática, as lutas e desafios enfrentados em salas também precisam ser levados em consideração, o que reflete diretamente no processo de construção do ensino a partir de uma didática que deixa para traz o tradicionalismo e se empenha no avanço dinâmico na forma de mediar o conhecimento.

No aspecto relacionado aos saberes, entendemos que a prática pedagógica da maioria dos professores possui lacunas, pois apesar do tempo de trabalho com

esse segmento (Ensino Fundamental), ainda existe a necessidade de que o profissional amplie o saber que possui a respeito da organização didático-pedagógica, pois no cotidiano escolar, observou-se que os conteúdos ofertados ainda se baseiam em práticas tradicionais que se limitam ao livro didático (ALARCÃO, 2013).

Em relação as práticas convêm ressaltar que o professor deve possuir a experiência necessária, para lidar com os alunos e suas necessidades específicas. Porém, sua atuação pouco se baseia no conhecimento adquirido durante os anos de estudo, uma vez que muitos professores apesar de admitir a importância dos saberes, não tem tido a oportunidade de participar de cursos de capacitação, originários das políticas educacionais, que o habilitem a aprimorar a prática pedagógica desenvolvida nas turmas pelas quais é responsável.

Em discursos frequentes no contexto escolar, principalmente, ouve-se falar em prática pedagógica quase que cotidianamente, porém com maior propriedade esse termo é proferido pelos professores que atuam no processo de ensino e de aprendizagem (TARDIFF, 2012)

Partindo desses princípios norteadores, pode-se inferir que prática pedagógica se refere à ação, a maneira, os processos implicados no fazer da docência, ou seja, no ato de “dar aulas”, de desenvolver a docência. E é exatamente no contexto, no desenvolver dessa prática pedagógica propriamente dita é que são construídos os saberes docentes. É lá na sala de aula, e de forma mais ampla no contexto em que a escola está inserida, nas múltiplas relações e inter-relações em que surgem os confrontos, as contradições sobre o que se sabe sobre a docência, ou o que não se sabe, pois nem sempre as expectativas criadas pelos professores se aproximam da realidade presente.

E nesse campo onde forças positivas e negativas se embatem, e ao mesmo tempo quando bem canalizado, explorado torna-se um celeiro de experiências e aprendizagens, que por si só não é possível compreender as suas razões, é preciso que se tenha compreensão dos processos educativos, dos fundamentos teóricos, filosóficos e metodológicos da educação, o que é e deve ser trabalhado na formação inicial (acadêmica) e contínua do professor, ou seja, no exercício da docência de forma reflexiva e crítica como se pontuou anteriormente. Partindo dessa ótica, Tardif (2012, p.11) pontua:

> O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores na escola, etc.

Esse saber é construído ao longo da carreira profissional, é nesse processo que o professor aprende, se apropria progressivamente dos saberes necessários para o desenvolvimento da sua atividade ou exercício de professor. É lá, na prática que paulatinamente o professor vai construir e descontruir saberes, e esses saberes devem ser tomados como fontes inesgotáveis de estudos e reflexões.

Finalmente, numa realidade multidimensional, é preciso constantemente reavaliar as políticas educacionais e o papel *real* do docente tendo em vista que ele é o multiplicador de informações, possui conhecimento cientifico, mas também precisa conhecer as realidades dos seus alunos, na prática não se exige apenas o conhecimento adquirido nas graduações, mas também o conhecimento de mundo, uma prática reflexiva com base na didática humana, dinâmica, estimulante e reflexiva.

2.6 AS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Atualmente se vive numa sociedade em que o tempo é consumido pelo trabalho e pouco se aproveita para o convívio familiar. Muitas coisas as crianças e jovens aprendem precocemente com as mídias e nem sempre tem maturidade suficiente para processá-las e usá-las em benefício próprio.

Hoje, a imagem envolve intensamente a vida das pessoas e a comunicação tem seu papel desvalorizado a cada dia. No entanto, apesar disso, grande parte das escolas ainda não conseguiu tornar a imagem midiática um elemento de real importância para o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, falta uma pedagogia que, concretamente, reconheça a importância da linguagem visual, desenvolva estratégias de trabalho com os recursos audiovisuais e se estruture para utilizá-los, levando em conta aspectos artísticos, estéticos e simbólicos que poderiam apoiar nossos alunos na busca pelo conhecimento. Esses meios, normalmente, são designados de forma ampla com a palavra mídia, com a qual se conceitua o conjunto dos meios de comunicação. A palavra mídia tem origem no

idioma inglês, significando “meio”, ou seja, o meio pelo qual algo (um conteúdo, uma informação, um conhecimento) é transmitido.

As mídias podem ser classificadas em três grupos principais: mídia digital, mídia eletrônica e mídia impressa. Todas podem ser usadas como ferramentas de apoio ou como base das atividades da Sala de Aula dependendo apenas do conteúdo e da estratégia de ensino a ser utilizada. Há muitas dúvidas entre os professores sobre a melhor forma de lidar com as novas tecnologias dentro da sala de aula. Alguns adotam como método a proibição pura e simples dos celulares em sala de aula, por exemplo. E outros argumentam que é melhor aproveitar essas tecnologias para estimular o aprendizado dos alunos.

É importante ressaltar que o papel do professor nesse processo é estratégico: quanto maior for a capacitação do professor para lidar com a inovação educativa, mais ele estará aberto às mudanças na sociedade, decorrentes do uso das tecnologias, e mais preparado para apropriar-se criticamente destas; finalmente, para que essas estratégias deem certo, é necessário resolver as questões relacionadas à carreira do professor: prever tempo para formação continuada dentro da jornada de trabalho; criar incentivos à formação, de progressão funcional como de remuneração.

Nesta proposta veremos que as mesmas mídias que entretêm, divertem e informam, também educam se usadas adequadamente. Basta que o professor as conheça melhor, faça uma leitura crítica e domine determinadas técnicas.

A mídia eletrônica, por sua vez, é representada principalmente pela televisão, rádio e o cinema, que são formas de comunicação unidirecional, que praticamente não permitem interação direta com o usuário (para interagir, os usuários utilizam a internet ou o correio). É o caso também dos DVDs com filmes ou apresentações multimídia.

Embora ofereça baixa interatividade, esses tipos de mídia também podem, eventualmente, em determinadas situações, serem utilizadas em educação. A mídia impressa é aquela que reúne jornais, revistas, mala-direta, folders e catálogos, e todo tipo de material impresso que seja usado para comunicar algo. É a mais tradicional de todas as mídias, que pode ser aplicada em atividades educacionais, podendo auxiliar na aprendizagem ativa, especialmente, quando elaborada e usada estrategicamente.

Entre todas as mídias, as de maior potencial para a educação são as mídias digitais, para as quais foram desenvolvidas as Tecnologias da Informação e da Comunicação as (TICs), que merecem toda a atenção dos educadores na formulação de suas estratégias de ensino.

A televisão pode ser uma aliada da escola quando esta apresenta os fatos e a escola assume o papel de mediadora para promover a reflexão e instigar o senso crítico dos alunos. Sobre esse assunto Silva (2010) alerta que é necessário reaprender a ver televisão, aprender a utilizá-la de forma pedagógica e que a educação para as mídias, está sob a responsabilidade dos profissionais de educação. E Napolitano,(2003) reforça: O uso da televisão em sala de aula deve ser encarado como um projeto, de preferência coletivo, partilhado entre diversos profissionais de um estabelecimento escolar. O poder e a influência da TV só podem ser revertidos em conhecimento escolar na medida em que o uso da TV em sala de aula seja a consequência de um conjunto de atividades e reflexões compartilhadas. (NAPOLITANO, 2003, p.25)

Diante desse argumento, a proposta aqui apresentada foi realizada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, para observar qual o impacto que esta mídia traria no modo da criança olhar além das imagens e comprovar que as imagens da televisão podem ser utilizada como recurso pedagógico para facilitar a organização de ideias, a argumentação e a escrita de textos. Fez-se também uma sondagem para analisar a importância da televisão na vida desses alunos e de que maneira ela poderia impulsionar para uma inovação no ensino, principalmente auxiliando-os na descoberta da escrita. A maioria dos alunos quando não estão em sala de aula, estão diante da televisão e assistem a programas que são censurados para menores de 10 anos, juntamente com seus pais.

Neste sentido, a proposta foi que os alunos assistissem a programas apropriados às idades deles. E foram-lhes apresentados alguns clássicos já conhecidos, que viraram desenhos ou que foram adaptados especialmente para a televisão, observando nesse processo, especialmente a organização de ideias e a motivação para a escrita, já que uma das maiores dificuldades da turma é organização das ideias para transpor do oral para a escrita.

A mídia digital é aquela baseada em tecnologia digital como é o caso da internet, dos programas educacionais e dos jogos de computador. Também, faz

parte desse grupo a TV digital, que tem como uma de suas principais características a interatividade, pela qual o usuário não só recebe as informações emitidas, mas pode escolher ou filtrar as informações recebidas e enviar suas próprias informações. Existem também provedores de conteúdos audiovisuais pela internet, em sistemas de vídeo sob demanda, que são aqueles pelos quais o usuário pode acessar uma biblioteca de títulos, escolher um deles e assistir quando e onde quiser, seja por meio de uma televisão, um computador, um tablet uma lousa digital ou um celular, com alto grau de interatividade.

De acordo com Moran (2006), ensinar com as novas mídias só será possível se houver uma revolução, e os professores estiverem preparados para o novo, para o diferente, se mudarmos os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm a distância entre professores e alunos. E isso se torna possível quando a escola direcionar um novo olhar para as mídias.

Quando vê nelas uma excelente contadora de histórias e não como apenas uma substituta para o rádio, cinema ou jornal. Barbero (1996), afirma que é fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contiguidade visual para o raciocínio sequencial da lógica falada e escrita. Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-las, de aproximá-las para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante. (Barbero, 1996,p.10)

Nesse sentido, buscamos trabalhar a mídia de forma que a criticidade fosse algo real, ou seja, que os alunos percebessem a importante dos meios de comunicação, de sua influência na sociedade e que, por conta disso, é interessante discutí-los e permitir que os cidadãos sejam capazes da (re) leitura crítica para o entendimento do mundo e posicionamento diante dos fatos. Ao escrever sobre a influência da mídia na vida de crianças e jovens, Moreira (2003) discute acerca do conceito de “sistema midiático cultural” quando fala sobre o processo de (re) criação e difusão de valores culturais criados pelas grandes corporações internacionais de mídia. Para o autor, esse “sistema midiático cultural”, através da sua presença massiva, ação invasiva e constante, além do poder simbólico que possui estão transformando de maneira significativa nossa cultura. Bourdieu (2011, p. 7) explica o poder simbólico como um “poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo

que o exercem". Nesse sentido o autor destaca que as relações de comunicação são sempre relações de poder, as quais dependem, diretamente, dos agentes e das instituições envolvidas nessas relações no que diz respeito ao poder material ou simbólico acumulado por elas.

Que "uma imagem vale mais do que mil palavras" não é segredo para ninguém. O poder da televisão reside justamente na sua linguagem:

> A televisão e o vídeo seduzem pela linguagem superposta, que interage interligada, somada e não separada das expressões sensoriais, da linguagem falada, da linguagem escrita e da linguagem musical, assim sendo, é uma comunicação sensório-cinestésica poderosa, isto é, uma comunicação de mensagens que alcança a todos por meio dos sentidos e pela percepção do próprio corpo. (DORNERLES ET AL, 2006)

Para Fontana (2005), "as imagens nunca são gratuitas nem estão sozinhas. Quando aparecem para que o homem as veja, servem de meio de ligação com outro mundo, que é o imaginário da sociedade." É nesse contexto que se situa a televisão, tecnologia capaz de agregar várias linguagens na construção de mundos imaginários, de sonhos, de fantasias, que corroboram com as ideologias que subjaz a produção dos mesmos.

Com a imagem as coisas se passam diferentemente. A leitura da imagem é mais livre, o poder de absolutizar o entendimento fica restringido. Por isso, o medo que a escola tem da imagem e, portanto, da televisão, que se utiliza de uma linguagem que sincretiza o verbal e o não-verbal. Ao usar a imagem, a escola procura dificultar a polissemia, que é de sua natureza, utilizando-a como mera ilustração do escrito ou colocando-lhe legendas que conduzam a interpretação.

As tecnologias disseminam conteúdos através de uma linguagem que se utiliza do verbal e do não-verbal, incluindo-se aí os avanços tecnológicos. Alguns autores já falam em uma linguagem videotecnológica**,** onde se desenvolvem "elementos e combinações semióticas novas e distintivas que começam a ser os sistemas linguísticos do futuro e que se diferenciam dos anteriores a partir da lógica de suas articulações" , dando lugar a uma nova lógica, em que os signos de diversos tipos e procedências se justapõem para construir o espetáculo.

As mídias conectam pessoas, transmitem informações e interliga setores sociais que interferem na vida de pessoas. Se as imagens televisiva são um canal com tão grande poder de interferência na vida das pessoas, por que então não usar isso a favor da educação? Sendo parte da cultura midiática, a televisão privilegia a

imagem**, o** som, o movimento e as cores, numa sinestesia que envolve. Nas palavras de Gadotti (2005, p. 24) pode-se entender esse poder: “Nossas crianças diante de um aparelho de televisão, sentem-se como se estivessem conectados com o planeta; sentem-se como cidadãs do mundo, habitando uma aldeia global.”.importância de tê-la como aliada na formação do sujeito, mas para tanto deve ser acompanhada “por uma *pedagogia da comunicação* (sic) de *dos meios* (sic) que a analise criticamente.” (GADOTTI, 2005: 24-25).

A proposta é incorporar as temáticas apresentadas nas mídias ao ensino diário da sala de aula, aproveitando-se da rapidez da informação, das imagens, da diversidade de linguagem, das pesquisas e reproduções de época e tantas outras abordagens, que bem utilizadas transformarão as salas de aula em espaços muito mais atrativos e darão significado prático aos conteúdos. Moram (1993) diz ainda que as mudanças qualitativas no ensino aprendizagem acontecem de fato quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas**,** as áudio visuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais.

Nessa nova perspectiva, as mídias televisivas se tornam uma ferramenta de fundamental importância, por unir todas essas tecnologias e possibilitar um vasto leque de opções ao educador, tornando o trabalho com a turma mais dinâmica e criativa em todas as disciplinas, como foi observado por Ferrés (1998, p. 136). A educação com os multimeios tem muitas vantagens suplementares. Cada meio ativa nos alunos alguns mecanismos perceptivos e mentais diferentes [...] permite, então, adaptar-se às diferentes capacidades de percepção e cognição dos alunos, compensando os déficits derivados da aprendizagem com outros meios.

Pensando assim, as imagens midiáticas se apresentam como mediadora entre as experiências do senso comum e as descobertas e relações entre pessoas e sociedade, é como se fosse pensar e visualizar concretamente o pensamento, as imagens possibilitam a abstração e análise lógica dos fatos. A junção de acontecimentos, som e imagens transmitidas possibilitam aos alunos a proximidade com espaços geográficos, descobertas científicas, habitat, formas de vida e cultura que poucos veículos podem fornecer de forma tão real.

Desse modo, a leitura da mídia torna-se indispensável para uma educação integral do indivíduo. Para Veiga (1996) saber ler as imagens é infinitamente mais importante que apenas vê-las. Porém os profissionais precisam estar capacitados

a isso para não cair no que Férres (1998) chama de fetichismo da tecnologia, que consiste em acreditar ingenuamente que basta uma mensagem ser vinculada por uma máquina para que seja eficaz. A apropriação das linguagens, informações e fatos das mídias é inerente aos cuidados que o educador deve ter ao preparar suas aulas convencionais. Da mesma forma que o professor planeja, seleciona textos, também deve pesquisar assistir programas e selecionar os mais adequados e coerentes às aulas e assuntos abordados, para explorá-lo didaticamente em sala de aula.

2.7 A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO : FUNDAMENTOS LEGAIS

A educação preestabelecida na Constituição Federal Brasileira de 1988 trouxe amparos a todos os cidadãos brasileiros como segue:

> Artigo 7º: São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma dessa Constituição.

Além disso, tem-se o artigo 205 que estabelece:

> **Artigo 205º**: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Através desses artigos apontam a responsabilidade do Estado perante sua população em promover o acesso ao ensino e protegendo em parte o ensino obrigatório na esfera básica, impõe também ao Poder Público a responsabilidade de zelar junto aos pais aos educandos pela frequência à escola.

A educação deverá ser gratuita, e respaldada em vários momentos pelo Poder Público, isso traz ao estudante a garantia de ter o Ensino de dia e quando não for possível em horário noturno, embasado na Constituição Federal.

A educação é direito social fundamental, assegurado nos arts. 7º e 205 da Carta Magna. Também, o texto constitucional estipula que o Plano Nacional de Educação, de duração decenal, deve articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam, dentre outros propósitos, à promoção humanística, científica e tecnológica do País (CF, art. 214, V).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96, na seção III, inc. II, relacionada ao Ensino Fundamental, dispõem sobre o uso dos recursos tecnológicos no contexto escolar, explicando que um dos objetivos deste segmento educacional é a formação básica do cidadão mediante “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (LDB, 2000, p. 27).

Com a promulgação da Lei, que trata em seu artigo 32, Inciso III, sobre a inclusão da disciplina como componente curricular obrigatório e necessário, promoveu outras ações relativas, pois, essa inserção também atribuía à disciplina, todas as competências e indicações para a inclusão das “novas” tecnologias na educação.

As reflexões sobre esse dispositivo levam a crer que a formação básica e continuada dos alunos deve abarcar vários aspectos que, de um modo ou de outro, influencia no olhar que o discente terá sobre o mundo. Entre esses elementos encontramos a compreensão da “tecnologia e das artes”.

Acredita-se ser correto afirmar que, no ensino ministrado, é necessário que o professor repense a forma como tem estimulado a formação do aluno, levando em conta que para isso é preciso que as tecnologias estejam presentes no cotidiano da práxis de modo permanente, pois isto se tornou uma base nacional comum de aprendizagem adotada pelo sistema público de ensino/aprendizagem.

A Lei nº 9.394/96, atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispõe que o ensino será ministrado observando, dentre outros, os princípios da coexistência de instituições públicas e privadas de ensino e da garantia de padrão de qualidade (LDB, art. 3º, V e IX).

O ensino é livre à iniciativa privada, desde que atendidas às condições legais, dentre as quais figuram a autorização de funcionamento e a avaliação de qualidade pelo Poder Público (LDB, art. 7º, II).

A legislação determina que a União assegure o processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino (LDB art. 9º, VI).

Outros dispositivos legais poderiam ser invocados, mas já parece claro que os estudantes possuem direito à educação de qualidade, sejam destinatários de

serviços educacionais prestados pelo poder público, sejam clientes da iniciativa privada.

O uso de tecnologias educacionais liga-se essencialmente à questão da qualidade do ensino e da aprendizagem, inclusive porque novas tecnologias permitem aplicabilidades pedagógicas inovadoras que podem contribuir para resultados positivamente diferenciados.

De fato, o uso de computadores, netbooks, notebooks, tablets e celulares em sala de aula ou fora dela, podem se transformar em excelentes instrumentos de acesso a conteúdo e vivências, permitindo que novas formas de aprendizagem se desenvolvam, através de editores de texto que fomentam a realização de oficinas de escritores, atlas interativo, lousas interativas, simuladores de experiências por meio de jogos educacionais ou simulações interativas, e assim por diante.

Complementando a Lei (LDBEN) nº 9394/96, foi lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs (BRASIL, 1997) para o Ensino Fundamental com o objetivo de auxiliar os professores na execução de seu planejamento pedagógico, de acordo com a realidade que o cerca, contemplando pressupostos teóricos e propostas didáticas relativas às diversas linguagens artísticas, e sua tendência, dando maior ênfase à visualidade, favorecendo o estudo da arte nas escolas, com mais prazer e favorecimento a arte de inovar.

Segundo os próprios Parâmetros, o "conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar" (BRASIL, 1997, p. 49). Dessa maneira, percebe-se que para produzir, apreciar e contextualizar os conteúdos vistos em sala de aula é preciso que se conte com a mediação das tecnologias midiáticas, pois estas tem provocado uma transformação considerável nas formas de pensar e expressar o que se internaliza e como o aluno sente a necessidade de buscar, em outros campos do conhecimento, ideias que se possam somar as suas, visando sempre o aprimoramento de sua aprendizagem ao mesmo que busca alcançar sua autonomia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN — são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas

desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania.

Os PCN's possuem caráter de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às peculiaridades locais. A própria comunidade escolar de todo o país já está ciente de que os PCN não são uma coleção de regras que pretendem ditar o que os professores devem ou não fazer. São uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino.

> As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (BRASIL vol. 2, p.24).

É uma mudança significativa ocorrida nos últimos anos e devida à possibilidade de nos comunicarmos através de sons, imagens e textos, integrando mensagens e tecnologias multimídia. O som não é apenas um acessório, mas parte integrante da narrativa, assim como as imagens; o texto terá mais importância pela possibilidade de corrigir, rever, copiar e transmitir.

Nesse sentido, cabe à escola, no contexto dessa Área de Ensino, conectar os processos e produtos tecnológicos ao seu sentido semiológico mais profundo, na medida em que constituem respostas significativas a problemas, necessidades, sonhos e anseios humanos ancestrais. Borges (2013, p. 66) explica:

> O PCN foi desenvolvido para suprir uma necessidade que o ensino no Brasil possui, em ter autonomia para poder trabalhar os conteúdos nas escolas, conforme a necessidade e regionalidade e o contexto em que a escola estava inserida. Esses conteúdos bases precisavam ser trabalhados por etapas, onde o aluno no final de cada etapa, como no ensino fundamental ou no ensino médio, obtivessem certos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania, até mesmo para estar preparado para a vida profissional.

Com a criação do PCN o governo tinha como objetivo garantir que todos os alunos, em qualquer lugar do país pudessem usufruir, de um conjunto básico de conhecimento, ofertado pelas escolas.

O PCN não é uma regra disponibilizada pelo MEC para as escolas e professores, mas sim, parâmetros e diretrizes que servem como base para a educação brasileira. Desse modo Alves (2013, p. 71) assegura que:

> Assim, o envolvimento da informática e das novas tecnologias transformou toda a sociedade mundial, desde a comunicação, formas de transmitir

> informação, formas de realizar tarefas profissionais e tarefas domésticas, devemos observar que todas essas mudanças são necessárias e não podemos fugir dela, mas sim, entender, conhecer e estudar como utilizar as tecnologias de forma a agregar nosso trabalho, no desenvolvimento de aulas mais dinâmicas e produtivas.

A inserção das novas tecnologias no ensino no Brasil é um avanço muito importante, pois irá contribuir para um ensino de qualidade, pois a informática serve como suporte para o ensino e aprendizagem, essa aprendizagem, podemos nos referir aos profissionais da educação e seus alunos. O ensino da informática no ensino médio, conforme o PCN deve tratar de temas, conteúdos sobre os Códigos e suas Tecnologias, Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Linguagens e Ciências humanas e suas Tecnologias, com objetivo de servir como diretrizes para o desenvolvimento do projeto para o ensino de informática nas escolas brasileiras.

Os profissionais da educação se defrontam com exigências de ordens diversas no sentido de incorporarem à sua prática em sala de aula as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais, recomendam o uso dessas tecnologias:

> É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras (BRASIL, 1998, p. 96).

Os cursos superiores de formação de professores são recorrentemente avaliados pelo Exame Nacional (ENADE), que traça diretrizes para sua avaliação. O documento do ENADE de 2011, para a avaliação do curso deixa claro nos Art. 5º, inc. IV e VII e o art. 7º, inc. XVIII e XIX, que o professor tem que estar capacitado para operacionalizar as tecnologias midiáticas, e isso inclui, o uso desses recursos nos conteúdos, o que denota em mais uma recomendação legislativa sobre a importância do profissional estar qualificado a operar e/ou a mediar o uso das tecnologias midiáticas.

3. LEITURA DE IMAGENS E CULTURA VISUAL

3.1 LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS NA CULTURA VISUAL

Com as constantes mudanças percebidas na sociedade denominada de pós-moderna existe a tendência de não se enfatizar a importância da leitura crítica de imagens, tornando o processo de ensino e aprendizagem sujeito a deficiências, especialmente no caso do aluno que necessita desenvolver uma visão crítica e transformadora da sociedade.

A abordagem da leitura crítica das imagens influencia o trabalho de educadores que se reportam a uma cultura da imagem. Essa cultura situa-se no marco teórico dos Estudos Culturais, e considera que a educação não se restringe às formas legais organizadas quase sempre na instituição escolar.

De acordo com Guareschi (2009) em qualquer sociedade há inúmeros mecanismos educativos presentes em diferentes instâncias socioculturais. Grande parte desses mecanismos tem como função primeira educar os sujeitos para que vivam de acordo com regras estabelecidas socialmente. Por estarem inseridos na área cultural, esses mecanismos revestem-se de características como prazer e diversão, mas, ao mesmo tempo, educam e produzem conhecimento.

Assim, enfatizar o estudo em torno da leitura crítica de imagens constitui uma importante contribuição para que o processo de ensino e aprendizagem e o conhecimento do aluno venha a ser ampliado, tornando-o um indivíduo preparado para intervir na realidade a ponto de transformá-la

Na atualidade existe uma série de discussões em torno da importância da leitura crítica de imagens no processo de ensino e aprendizagem, algumas convergentes e outras divergentes.

No contexto do Ensino Fundamental é importante que as aulas possam aperfeiçoar a leitura imagética do aluno. Isso ocorre porque a imaginação do indivíduo e sua capacidade de percepção em relação ao mundo que o cerca é apurado.

Por isso, o discurso imagético deve permear o trabalho do professor no Ensino Fundamental visto que esse tipo de leitura “refere-se ao uso de estratégias

onde prevalece um conjunto de imagens (fotos, desenhos, *cartoons*) com a finalidade específica de transmitir uma mensagem" (FRANZ, 2007, p. 55)

Derdik (2005, p. 69), alerta sobre o quanto os imaginários estão sendo mediados e formulados pelas diversas produções culturais:

> Cada vez mais a conduta infantil é marcada pelos clichês, pelas citações e imagens emprestadas. O imaginário contemporâneo é entregue a domicílio. O indivíduo é submetido a um profundo condicionamento cultural, e é sobre estes conteúdos que este vai operar. A ilustração, o desenho animado, a história em quadrinhos, a propaganda, a embalagem são representações que se tornam quase realidades. Vivemos hoje sob o signo da ficção e da paródia.

A produção imagética no Ensino Fundamental estimula o aluno a se envolver por completo com as propostas do professor na sala de aula. As imagens que circulam no meio externo são rapidamente captadas pelo aluno e, nesse sentido, quando o professor usa o desenho ou qualquer outra demonstração gráfica está, na realidade, convidando o aluno a ter uma participação plena nas aulas certo de que isso realmente funcionará para atrair e manter a atenção do educando.

Barbosa (2009, p. 55) explica:

> É o adulto que apresenta o mundo da cultura para o aluno, desde seu nascimento: primeiro os pais e parentes, mais tarde na escola o professor e os colegas, com isso ela vai se apropriando de vários saberes, contribuindo para seu desenvolvimento como ser humano.

Ferraz e Fusari (2007, p. 106) explicam que "análises dos conceitos, dos saberes em Arte que os alunos ainda não dominam, são considerados essenciais para que estes possam gradualmente diversificar, aprofundar, aprender a fazer".

Segundo Luria (2001, p.12) "o que o indivíduo pode fazer hoje com auxílio dos adultos, poderá fazê-lo amanhã por si só". Dessa forma o indivíduo sem a assistência dos adultos, sem nenhuma atenção, terá dificuldades para conseguir uma evolução do pensamento abstrato e na leitura imagética.

Por outro lado, a Educação da cultura visual parte de uma constatação básica, ou seja, de que a todo o momento estamos em contato, através da visão com informações visuais carregadas de sentido. Por isso, a cultura visual do homem, independente da sua condição sócio econômica é rica e variada, ainda que em muitos momentos se torne difícil compreender a profusão de imagens que

são colocadas diante dos seres humanos. “A cultura visual alimenta-se do conjunto dessas imagens para poder dar sentido a vida e ao conhecimento humano” (TOURINHO, 2010, p. 39). O contato com as informações visuais é parte intrínseca da experiência humana. Em todas as sociedades, independentemente da condição socioeconômica do indivíduos, a profusão de imagens faz parte de suas percepções desde muito cedo. Assim, compreende-se que a cultura visual é um elemento que dá sentido a existência humana, sendo capaz de tornar um cidadão crítico e participativo.

Como afirma Sardelich (2002) desde a mais tenra infância e os primeiros contatos com a profusão de imagens ao redor, os seres humanos estruturam tudo aquilo que lhes fornece prazer e atende as suas necessidades, as escolhas, as preferências, tendo como base aquilo que os olhos são capazes de observar e captar. Ao internalizar as preferências e os temores, com fundamento naquilo que os olhos observam ou conseguem captar, então forma-se o que se denomina de cultura visual (MANGUEL, 2002). A esse respeito Tourinho (2010, p. 52) explica que:

> A grande quantidade de imagens que vemos no dia-a-dia, expostas de forma caótica e muitas vezes fora de contexto, está voltada quase sempre para gerar consumo. São apelativas e desencadeiam tantos estímulos que muitas vezes tornam os homens alienados diante delas. Por isso, pode-se dizer que os indivíduos veem e não veem, olha-se e não se olha. Se no ensino é ensinado a ver/olhar, é porque isso possibilita camuflagens e ocultamentos.

Muitos estudiosos têm apresentado um interesse considerável no estudo imagético, principalmente, pela necessidade de buscar o que se denomina de alfabetização visual, que se evidencia em diferentes nomenclaturas, como leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2002). Em consonância com este pensar, compreendemos a alfabetização visual como um aspecto essencial da natureza humana e de sua expressão no mundo.

Assim, hoje, atribui-se muita importância a cultura visual nas aulas de Arte a ponto de muitos especialistas buscarem implementar metodologias de ensino que destaquem a cultura visual e a leitura de imagens como elementos centrais no conhecimento sobre o mundo e sua dinâmica. Mesmo que essas iniciativas ainda não sejam consenso, principalmente, entre boa parte do professorado que muitas vezes ficam de fora das discussões por diversos motivos.

O próprio termo cultura visual desperta a atenção de muitas pessoas, principalmente, a partir do momento que muitas abordagens metodológicas trouxeram para o centro das discussões a importância de se aprender e ensinar a partir da captação das imagens do cotidiano do aluno e do professor.

Para Martins (2002, p. 63):

> Nem sempre esse assunto tem sido discutido de maneira a considerar o sujeito da leitura: o aluno. E é justamente esta proposta que se deseja levar em consideração, as condições de construção de conhecimento do aluno no domínio da leitura estética. Afinal não há leitura de imagem que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor.

A importância da educação cultura visual é evidente na maneira como o indivíduo exercer a cidadania, pois sem uma educação visual apurada, o sujeito se torna incapaz de discernir aquilo que está a sua volta e, portanto, estará despreparado para lidar com as situações adversas do cotidiano.

A cultura visual engloba justamente a possibilidade de que o homem expresse suas opiniões, externalize suas percepções e troque experiências com seus pares. Para que isso tenha significado é preciso que a cultura visual seja vivenciada e transmitida de forma dinâmica e estimulante. Fernandez (2002, p. 47) acrescenta que:

> O trabalho de leitura e de mediação que a palavra e a imagem requerem, no mundo atual, torna-se imperativo em uma perspectiva de conhecimento, de humanização e de inserção social dos indivíduos. Para isso é importante o conhecimento sobre a história da arte e o exercício constante da leitura da imagem para quem trabalha com o ensino da arte.

Sardelich (2002) propõe que o professor dedicado a ensinar a história da Arte com base na leitura de imagens incentive a apropriação da cultura visual, ou seja, desenvolva um trabalho onde a imagem deve ser apresentada aos alunos e explorada antes mesmo de se falar sobre a história da Arte. Isso deve ocorrer porque a cultura visual e as imagens que dela fazem parte são caracterizadas por significados múltiplos que podem ajudar o indivíduo a interpretar melhor aquilo com que se defronta no cotidiano, dependendo com contexto onde esteja inserido.

Manguel (2002, p. 58) reitera que:

> Devido ao crescente número de informações visuais que recebemos cotidianamente, destacamos a importância do aprendizado dessa educação visual, onde o aluno aprenderá deste cedo à importância da sensibilização do olhar, ou seja, aprenderá que ler imagens e interpretá-

las. Compreendendo quais as informações que elas nos trazem e o querem nos dizer.

A proposta de se trabalhar com mais afinco o estudo da cultura visual e, por conseguinte, a leitura de imagens, dá-se pelo fato de que desde muito cedo os seres humanos são expostos diariamente a um número incontável de imagens e, como parte de sua natureza, passa a tentar decifrá-las de acordo com o conhecimento que possui ou mesmo da experiência percebida até então.

Nesta perspectiva, dominar os conhecimentos pedagógicos relacionados às artes visuais é de fundamental importância como subsídio para uma ação transformadora no ensino e na aprendizagem da arte na atualidade.

Hernández pondera que “os signos e os símbolos são o veículo do significado e ocupam um papel na vida da sociedade, numa parte dessa sociedade, que é a que de fato lhes dá vida” (2009, p.53). Neste pensar, observa-se que a cultura visual é composta, então, de todos aqueles símbolos e signos que chegam até as pessoas por meio de diversos veículos de propagação visual. Todas essas imagens têm uma função preponderante, capaz de trazer ao observador uma percepção mais apurada daquilo que o cerca e no meio onde está inserido, ampliando simultaneamente seu conhecimento de mundo.

Assim, compreende-se que a cultura visual parte de uma constatação básica, ou seja, de que a todo o momento estamos em contato, através da visão com informações visuais carregadas de sentido. Por isso, a cultura visual do homem, independente da sua condição sócio econômica é rica e variada, ainda que em muitos momentos se torne difícil compreender a profusão de imagens que são colocadas diante dos seres humanos. “A cultura visual alimenta-se do conjunto dessas imagens para poder dar sentido a vida e ao conhecimento humano” (TOURINHO, 2010, p. 39).

O contato com as informações visuais é parte intrínseca da experiência humana. Em todas as sociedades, independentemente da condição socioeconômica dos indivíduos, a profusão de imagens faz parte de suas percepções desde muito cedo. Assim, compreende-se que a cultura visual é um elemento que dá sentido a existência humana, sendo capaz de tornar um cidadão crítico e participativo.

Sardelich (2006) afirma que desde a mais tenra infância e os primeiros contatos com a profusão de imagens ao redor, os seres humanos estruturam tudo aquilo que lhes fornece prazer e atende as suas necessidades, as escolhas, as preferências, tendo como base aquilo que os olhos são capazes de observar e captar.

É exatamente dessa cultura visual que os programas televisivos se aproveitam para distorcer a percepção das pessoas sobre o que constitui realidade ou engano. As imagens apresentadas pela mídia – qualquer mídia – podem, muitas vezes, deturpar o verdadeiro sentido daquilo que acreditamos ser a verdade.

Nesse sentido, compreende-se que a linguagem constitui o recurso essencial para que os indivíduos venham a estabelecer uma relação de complementaridade, baseada na compreensão da mensagem, dos desejos e intenções do interlocutor.

Hoje, a linguagem utilizada em muitos veículos de comunicação utiliza o expediente da persuasão para atrair a atenção e insuflar as notícias de modo a causar no interlocutor um impacto emocional forte a ponto de movê-lo a opinar, mesmo sem qualquer comprovação ou base para julgamentos.

Mesmo hoje, Fusari (2007) informa que não é difícil encontrar professores de arte, tanto da rede oficial como da particular, não atualizados com as mudanças nos métodos de ensino. Conseqüentemente, estes são mais resistentes a inovações no ensino e na aprendizagem da arte, principalmente no que se refere aos métodos de aprendizagem mais contemporâneos. Outros professores até conhecem, mas não tem segurança e conhecimentos pedagógicos necessários para trabalhar as mudanças do ensino.

3.2 AS TECNOLOGIAS MÓVEIS NA EDUCAÇÃO

O uso das novas tecnologias móveis dentro do ambiente escolar já vem sendo utilizado há algumas décadas, a revolução industrial trouxe para as fábricas um novo padrão de exigência, onde cada vez mais as pessoas tinham que se aprimorarem para a utilização das máquinas que vinham do exterior, essas mesmas pessoas iludidas por um salário e vida melhor começaram a busca por um perfil profissional melhor ditando uma nova organização no mercado industrial e educacional.

O surgimento da informática trouxe várias mudanças para o setor educacional tanto privado como o público, fazendo com que a escola e o seu corpo docente repensassem a forma de ensinar com o uso das novas tecnologias.

Na nova sociedade a informática é utiliza para desenvolver novas competências, fazendo com que os alunos desenvolvam senso crítico e capacidade para discernir entre informação válida ou inválida, fazendo uso pertinente e separando o que lhe é supérfluo.

Dessa forma, a escola deve se valer dos quatro pilares da educação para a utilização da informática educacional, pelos quais o aluno deve aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Quando pensamos em cada um desses quesitos que os pilares da educação nos trazem, devemos pensar na sala de aula, e como desenvolver essas competências com os nossos alunos, já que a utilização do computador deve ter uma finalidade estipulada pelo educador, que é a verdadeira construção do conhecimento individual ou coletiva.

> Sendo assim, o professor continua sendo quem planeja e desenvolve situações de ensino a partir do conhecimento que possui sobre o conteúdo, sobre os processos de aprendizagem sobre a didática das disciplinas e sobre a potencialidade da ferramenta tecnológica como recurso para a aprendizagem. (SANTOS, 2013, p. 48).

Nesse sentido, a autora afirma que cabe ao professor o papel fundamental que é o planejar e estruturar a necessidade de organização da aula, para que através dessa intenção consiga desenvolver o processo de ensino/aprendizagem tendo várias didáticas e o uso das disciplinas como um campo interdisciplinar, já que o educador também deve se preocupar com o currículo oculto o qual tem que pensar no modo de vida da instituição, como será organizado os trabalhos pelo modo prático.

Por outro lado, fala-se em educação tecnológica, inclusão digital, mas como podemos trazer essa realidade para todos. Como mudar algo que já está impregnado e trazer esses novos conceitos tecnológicos para a sala de aula de uma forma que venha agregar novos conhecimentos e aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem, trazendo novas ações didáticas que favoreçam uma postura crítica, curiosa e a troca de ideias, fazendo com que o aluno crie autonomia através

da busca e da tentativa de acerto e erro, para que dessa forma possa ampliar seus horizontes e adquirir mais conhecimentos.

Quando se refere à formação continuada, são enfatizados os seguintes aspectos do profissional: a formação, a profissão, a avaliação e as competências que cabem ao profissional.

O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho. Segundo Perrenoud (2009) existem competências mais específicas a serem trabalhadas na formação contínua de um educador. Organizar e animar situações de aprendizagem significa conhecer, em uma determinada disciplina, os conteúdos a ensinar e sua tradução em objetivos de aprendizagem, trabalhar a partir das representações dos alunos.

Todo processo de formação continuada tem que ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do professor. Essa busca de conhecimento possibilita que o professor venha ter uma formação que aprimore seu fazer pedagógico, possibilitando a este que desenvolva maior autonomia e liberdade para ministrar conteúdos que venha atrair e manter atenção dos alunos nos conteúdos vistos em sala de aula.

A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos.

No entanto, a formação continuada não descarta a necessidade de uma boa formação inicial, mas para aqueles profissionais que já estão atuando, há pouco ou muito tempo, ela se faz relevante, uma vez que o avanço dos conhecimentos, tecnologias e as novas exigências do meio social e político impõem ao profissional, à escola e às instituições formadoras, a continuidade, o aperfeiçoamento da formação profissional. Mas, para que realmente a formação continuada atinja seu objetivo, precisa ser significativa para o professor. Segundo Nascimento (2010), as propostas de capacitação dos docentes têm apresentado baixa eficácia, e algumas das razões apontadas são: a desvinculação entre teoria e prática; a ênfase excessiva em aspectos normativos; a falta de projetos coletivos e/ou institucionais; entre outros.

A educação é uma prática essencialmente humana, cabendo-lhe transcender a ritualização pedagógica e considerar a amplitude de sua influência na existência do ser humano. Institucionalizada nas escolas, a educação tem sido instrumento social lapidado por interesses capitalistas ao reproduzir a ideologia e as relações de produção típicas deste sistema econômico.

A sociedade e suas divergências são reproduzidas, em menor escala, nas instituições educativas. Há, tanto na sociedade, quanto nas unidades escolares, sujeitos postos a margem e estigmatizados por inadequarem-se aos padrões normatizados pelo senso comum.

A escola é uma instituição normativa e formadora de indivíduos socialmente adaptáveis ao meio social padronizado pelo senso comum. Quando ocorre algum dano a no processo de socialização, fundamentado em fragilidades subjetivas a cada sujeito, cabe a escola rever seus processos e práticas instrumentalizando-os em favor do desenvolvimento do indivíduo.

A atualização da relação entre a escola e a sociedade não deve apenas ser fruto de determinações do processo de desenvolvimento econômico capitalista, mas atentar para especificidades dos diferentes sujeitos em seus contextos nas dimensões subjetivas, políticas, históricas e culturais (PERRENOUD, 2009).

Pensando acerca dos grandes mestres do passado remoto e daqueles que permanecem como forte inspiração a prática docente, podemos afirmar que no decorrer da vida como aprendiz é notório ser a maior realização do professor a certeza de compartilhar seus saberes e acessar novos conhecimentos na interação com os alunos, Bem como, ter a certeza de que forma indireta, ou mesmo direta, afeta o desenvolvimento, o crescimento e a sede por conhecimento de inúmeros grupos. Como docentes, mestres da fala, do ato e da vida como exemplo, tem-se um grande poder nas mãos. Cada palavra pronunciada, cada ato posto em voga, pode tanto incentivar um aluno, como destituir com seus anseios.

Os professores trilham os rumos planejados no processo de ensino-aprendizagem certos de ser determinante convencer os alunos de que aquilo que está sendo transmitido contribuirá positivamente ao sucesso de suas vidas. E que a recusa por enxergar as contribuições disponibilizadas pelos professores irá fechar-lhe as oportunidades antes mesmo de compreender seu sentido.

A tentativa de estabelecer um ambiente de empatia, instigando os alunos a participar das aulas e a criação de condições e estratégias a laços de amizade com os alunos favorece discussões, pois os mesmos sentem-se estimulados a trazer suas próprias experiências para as aulas. Na maioria das salas de aula, até que professor rogue por participação e incite a crítica, poucos são aqueles que o fazem espontaneamente.

A preocupação dos alunos atualmente centra-se nas incertezas do amanhã. E como adultos não temos mais uma resposta convincente as suas problemáticas pessoais. A individualização de acesso a informações pelos alunos não depende mais somente dos livros nem dos professores, pois tanto alunos como os professores, com acesso a internet, tem a seu dispor informações inúmeras e imediatas. A acessibilidade de informações por parte dos alunos, muitas vezes, prejudica o aprendizado, na medida que há pouca criticidade acerca do que é lido bem como certificação da veracidade das informações reproduzidas.

O papel do professor, hoje, é de ser mais orientador, ou seja, um guia para ajudar os alunos não se perderem nas quantidades inumanas de informações existentes no mundo de hoje. Como profissional de educação, creio ser importante criar relações claras entre a disciplina lecionada e suas inferências na vida cotidiana. Criando relações diretas entre conhecimento teórico e a prática cotidiana torna-se viável a interação real do aluno sociedade em favor da realização de seus objetivos pessoais e coletivos.

A partir do momento em que se compreende ser a escola instrumento de formação para a vida real, começa a compreensão de que a participação crítica é positiva para o aprendizado escolar e nas demais esferas sociais. A participação dos alunos é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento. Por mais que um professor instigue, sem alunos curiosos não há construção de conhecimento, e algumas vezes nem mesmo a mera transmissão do saber. A participação em sala de aula deve ser incentivada constantemente pois a falta de conhecimento viabiliza a alienação, e como docentes, temos que instigar a formação de uma sociedade forte, crítica e consciência.

A importância da formação continuada, que no mundo atual é vital para o professor, está baseada na busca de novos conhecimentos para o crescimento profissional, que repercutem na necessidade de continuar pesquisando, refletindo

e questionando sua área de conhecimento, podendo ser uma empreitada individual ou uma ação coletiva.

A formação continuada é um processo complexo e multideterminado, que ganha materialidade em múltiplos espaços, não se restringindo a cursos ou treinamentos, e que favorece a apropriação de conhecimentos, estimulando a busca de outros saberes e introduzindo uma fecunda inquietação contínua, motivando viver à docência em toda a sua criação e dialética.

Como explicita Candau (1997, p.56) “todo processo de formação continuada tem que ter como referência fundamental o reconhecimento e a valorização do saber docente”.

Essa formação continuada possibilita então que o professor venha a ter um conhecimento que aprimore seu fazer pedagógico, possibilitando a este desenvolver maior autonomia e liberdade para ministrar conteúdos que venham a atrair e manter a atenção do aluno nos conteúdos vistos em sala de aula. Assim:

> Durante o processo de reflexão, o professor, muitas vezes, deixa emergir seus esquemas implícitos ou mesmo suas construções teóricas, formuladas desde a formação acadêmica, tentando aproxima-las de sua problemática atual (BOLZAN 2002, p. 17).

Deste modo, quando é colocado que o professor regente deve assumir todos os componentes curriculares obrigatórios, surgem as dúvidas e dificuldades no planejamento e desenvolvimento de outros conteúdos, pois a formação continuada não contempla esse componente.

É preciso considerar a escola um espaço de socialização onde são construídas relações de ensino e aprendizagem entre professores e alunos e esta é a razão de existência da escola. São eles os protagonistas do processo educativo e, lhes proporcionar condições adequadas de trabalho, é tarefa imprescindível para se garantir a qualidade do ensino.

O foco da escola é a aprendizagem do aluno, então, adequar a proposta pedagógica, tornando-a mais atraente e significativa ao mesmo, é uma maneira de se construir uma escola mais democrática e menos excludente, em que se priorize a formação da sua autonomia.

A tecnologia da informação faz-se cada vez mais presente em ambientes distintos, como em nosso dia-a-dia no trabalho, em que passamos a maior parte do

tempo em computadores, em nossa casa, com o uso dos televisores Smart, Vídeo Games, Geladeiras Smart, entre outros recursos, até mesmo em ônibus que circulam pela cidade, igrejas, lojas. Os computadores de última geração estão cada vez mais acessíveis e cabem até na palma da mão.

Com todo esse recente avanço, que se faz presente na vida das pessoas, tanto de crianças, como idosos, torna-se importante a integralização dos recursos tecnológicos disponíveis com antigos métodos que não dependiam da tecnologia, como dar aulas, por exemplo.

Para Costa (2007) a informática não serve apenas como instrumento de trabalho nas empresas ou para uso exclusivo de profissionais de informática, mas sim como um recurso facilitador que abrange todas as áreas do conhecimento, e no âmbito educacional tem bastante relevância em todos os níveis de ensino. A tecnologia já está presente na maioria das escolas não apenas como uma ferramenta de auxílio às tarefas realizadas, mas como um recurso que abrange diversas áreas de conhecimento e é relevante desde a infância.

Para Toledo (2015) há diversas formas de aperfeiçoar a transmissão do conhecimento nas escolas, uma delas é: O uso de recursos tecnológicos (computador, recursos multimídias, softwares educativos), que auxiliam tanto o professor quanto o aluno durante o processo de aprendizagem, proporcionando condições, ao professor, para ministrar aulas de forma mais criativa, acompanhando as transformações e mudanças que ocorrem quando o aluno passa a exercer sua independência na procura e seleção de informações e na resolução de problemas, tornando-se assim o ator principal na construção do seu conhecimento.

Ainda segundo o mesmo autor, o computador não é mais o instrumento que tem total controle sobre quem está aprendendo, mas sim a ferramenta de qual o aluno se beneficia e com ela desenvolve suas atividades. Toledo conclui que “o aprendizado ocorre pelo fato de aluno executar uma tarefa por intermédio do computador”.

Segundo Soffa e Alcântara (2008, para a implantação eficaz dos recursos tecnológicos na educação, são necessários quatro aspectos imprescindíveis: o computador, o software, o professor capacitado para usar o computador como meio educacional e o aluno, sendo que nenhum ingrediente predomina sobre os outros.

De acordo com Mamede-Neves; Duarte (2008, p. 777) "[...] Crianças e jovens [...] que chegaram ao mundo após a popularização dos computadores pessoais e a criação da internet, compõem um segmento de usuários de TIC que não só faz uso corrente das mesmas como, também, antecipa o que está por vir[...]".

Assim, entende-se que se faz importante que a educação também se adeque à tecnologia, e a traga para a realidade dos alunos, que já "nascem" inseridos nela. No entanto, Silva; Azevedo (2005, p.35) nos diz:

> "a presença da tecnologia na educação não é vista de igual maneira por estudantes e professores. Enquanto aqueles parecem encará-las com naturalidade, [...] estes, apesar de as utilizarem na vida diária, nem sempre o fazem na prática pedagógica".

Neste contexto, Bonatto; Silva; Lisboa (2013, p.67) afirmam que: Se o professor está despreparado, o computador por si só não tem nenhum efeito na sala de informática da escola [...]

Grande parte de nossos educadores são nascidos e foram formados antes da geração digital. Portanto, a realidade que se apresenta faz sentido: as tecnologias estão inseridas em todos os espaços da vida cotidiana, entretanto, muitos educadores ainda a colocam como algo excepcional e externo ao contexto pedagógico.

Para Mello (2014), a escola está perdendo alunos não só por falta de tecnologia, tudo o que a escola faz hoje em dia perde um pouco o sentido. Hoje as aulas são frontais, em sua maioria expositiva, porém o conhecimento não tem nenhuma conexão com a realidade deles.

Ainda segundo esse autor, a tecnologia pode ajudar nesse desenvolvimento, porém não é a fundamental. Simplesmente colocar um computador numa sala de aula, não vai fazer com que a aula seja informatizada, visto que, não é apenas passar vídeos e solicitar pesquisas, desse modo à escola estará atropelando todo o necessário para que a tecnologia na escola funcione corretamente.

Dessa forma implementar a tecnologia sem o preparo do professor e sem condições necessárias de trabalho, não irá solucionar. O aluno tem acesso à informação, mas quem pode dar sentido à essa informação adquirida, quem pode fazer com que essa informação se transforme em conhecimento, é o professor. Professor e aluno tornam-se cúmplices nesta busca por conhecimento e aprendizagem.

As TICs são utilizadas no contexto escolar com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, aproximando o conhecimento aprendido na escola com a realidade atual em que a sociedade vive. A escola de hoje vai além de ser um espaço com o mero objetivo de transmitir conhecimentos e adquirir competências valorizadas no mercado, a escola envolve a preparação para a vida em sociedade. Diante disso, com relação aos objetivos da Educação. Tedesco (2004, p. 34) informa que:

> Por isso mesmo, também deve dar conta das transformações que experimenta o contexto cultural imediato em que se desenvolvem as tarefas formativas, ou seja, o contexto de sentidos e significados que permite que os sistemas educacionais funcionem como meio de transmissão e integração culturais.

Por meio do argumento acima se pode ver que a Educação deve dar conta das novas exigências culturais e sociais, sendo preciso incorporá-las no ato educativo. As novas tecnologias estão inseridas nesse contexto, por isso, precisam ser utilizadas pela escola no processo de ensino e aprendizagem pois, “não existe tempo ou espaço próprio para a aprendizagem, à aprendizagem está em todo lugar e é preciso aprender sempre” (GADOTTI, 2000, p. 250.) Como se pode aprender em todos os lugares, a escola por meio dos recursos tecnológicos pode ampliar o acesso ao conhecimento e posteriormente promover uma educação continuada, de qualidade e finalidade prática.

As Tecnologias da Informação e Comunicação passaram a ser utilizadas pela a escola há consideravelmente poucos anos atrás. Apesar da internet e o telefone existirem antes dos anos 2000, esses instrumentos eram inacessíveis para a maior parte da população e isso refletiu nas políticas públicas direcionadas para a Educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação mais recente, isto é a LDB nº 9.394/96, por exemplo, não aborda claramente o uso das tecnologias no contexto educativo, pelo fato, de que no ano que ela foi instituída o acesso a meios de comunicação e informação, eram limitados e não se havia muita exigência com relação ao seu uso no contexto social e profissional. A LDB 9.394/96, portanto trata pouco á respeito do uso das tecnologias na escola, mas apesar disso, no artigo 39, ela reconhece a necessidade da tecnologia, como sendo importante para o desenvolvimento da vida do educando, de acordo com o trecho:

> Art. 39. A educação profissional, integrada ás diferentes formas de educação, ao trabalho, á ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional. (BRASIL, 1996)

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 mostra que a tecnologia assim como a ciência e a educação profissional são importantes para a vida produtiva, no entanto, a lei não deixa claro se as escolas de Educação Básica ofertariam o acesso a essas formas de educação, principalmente se tratando da educação tecnológica, ou se essas seriam ofertadas somente em instituições especializadas de educação profissional e no ambiente de trabalho.

Atendendo a essa demanda social tecnológica, a Lei de nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, estabelece propostas e diretrizes para a ampliação da educação profissional no Brasil para o atendimento da necessidade de melhor preparação para o trabalho.

Obtendo como base esta Lei, veio à necessidade da elaboração de uma proposta de educação tecnológica nas escolas. A partir disso, no ano de 2007, foi criado o decreto nº 6.300, de dezembro de 2007, que dispõe a respeito do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO), que trata do uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

Segundo esse decreto, o uso pedagógico dos recursos tecnológicos tem por finalidade contribuir para a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, a rede de internet e outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima da escola (BRASIL, 2007).

3.3 A REDE SOCIAL E SEUS CONTRAPONTOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Com o advento da globalização na sociedade pós-moderna foi possível a ampliação das formas de comunicação entre os cidadãos, o que abriu margens para a configuração dos possíveis riscos em que estes podem incorrer. Eles passaram a provocar conflitos que até então, não eram recepcionados pelo

ordenamento jurídico. Com isso, a população começou a exigir que fossem tomadas novas providências.

É correto afirmar que os riscos e incertezas estão impregnados no atual meio social, pois com tantos avanços econômicos a produção e o consumo desenfreado e o aumento da criminalidade requerem que o Estado tome alguma providência no que diz respeito à proteção. Entretanto, o que se pode visualizar é um Estado retraído por um número cada vez maior de criminalização.

A lei tem por finalidade proporcionar a pacífica relação social no meio virtual entre os usuários, determinando a não intervenção de um sobre o outro. Isso deixa claro que apesar das dificuldades encontradas pelo Estado em buscar melhorias no que diz respeito à proteção aos bens jurídicos, este dispõe de alguns mecanismos para tentar disciplinar o uso da internet pela sociedade em geral, o que ocasionou a criação do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.Br),em 1995, através da parceria firmada entre o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia . Corrêa (2008, p. 17) alega que:

> Com o objetivo de tornar efetiva a participação da sociedade nas decisões sobre a implantação, administração e uso da internet, o Ministério da Comunicação e o Ministério da Ciência e Tecnologia, em nota conjunta em maio de 1995, optaram pela constituição de um comitê gestor para internet, com a participação de entidades operadoras e gestoras de espinhas dorsais, de representantes de provedores de acesso ou de informações, de representantes dos usuários e da comunidade acadêmica.

Na atual sociedade da era digital houve a necessidade de se implantar diversas legislações que tutelassem inúmeros bens jurídicos, tangíveis e intangíveis. Nessa nova conjectura emanam projetos de leis e leis sancionadas com o intuito de penalizar e, sobretudo, prevenir e reeducar a população para assim manter o bom uso da internet.

Verificando-se a legislação brasileira acerca dos crimes cometidos por “crackers”, ou seja, naqueles que se materializa a penetração aos sistemas de outrem sem autorização, observa-se que a legislação penal não está ainda adequada. Entretanto já se caminha para uma tipificação penal pois, o sistema jurídico brasileiro ganha nova perspectiva a cada dia, uma vez que o caput do art. 154-A do Código Penal acrescido pela Lei nº 12.737/2012, revela mudanças em

relação à invasão indevida a computador alheio com a finalidade de obter ou alterar dados (MOTA. 2016).

Cientes dos crimes na Internet, cada vez mais as organizações, comunidades e usuários da rede mundial de computadores, seus sistemas de informação e redes de computadores são colocados à prova por diversos tipos de ameaças à segurança da informação, incluindo violações aos bancos de dados e arquivos. Isso porque o crime na internet tem se tornado cada vez mais comuns, mais ambiciosos e mais sofisticados dificultando a identificação e investigação destes delitos. Sobre os riscos, Pinheiro (2011, p.75) expressa a seguinte posição:

> Para os graus de riscos deve-se analisar qual a importância da conseqüência que o risco provoca sobre o ambiente. Um *baixo* risco refere-se a uma conseqüência pouco importante. Afeta localmente um ou mais serviço pessoal ou uma pessoa. Um *médio* risco refere-se a uma conseqüência razoavelmente importante. Afeta um ou mais serviço grupal ou um grupo. Um *alto* risco refere-se a uma conseqüência fortemente importante. Afeta a organização em si ou um ou mais serviços disponíveis na corporação.

Assim, é necessário argumentar que, ao lidar com determinadas informações, os responsáveis por sua operação definam o grau de vulnerabilidade do sistema para que surpresas e prejuízos sejam evitados evitando que os usuários venham a sofrer transtornos por ocasião do acesso aos sistemas de dados, principalmente quando são privados.

A respeito do conceito de informação Sêmola (2003, p.45), expressa a natureza desse mecanismo na rede mundial definindo como:

> Conjunto de dados utilizados para transferência de uma mensagem entre indivíduos e/ou máquinas em processos comunicativos (isto é, baseados em troca de mensagens) ou transacionais (isto é, processos em que sejam realizadas operações que envolvam, por exemplo, a transferência de valores monetários).

A partir desse conceito, pode-se observar que a informação é algo que tem sentido e recebe modificação em seus dados para torna-se útil na troca de mensagem.

Uma informação pode se apresentar de diferentes formas. Pode estar no formato eletrônico, impressa, escrita ou falada. Não importa a forma que se manifeste, o que vale ressaltar é que ela precisa estar resguardada, isto é, que tenha uma adequada proteção.

Com a ampliação da rede mundial de computadores, muitas questões relacionadas à segurança de informações e as atividades criminosas no espaço virtual tem vindo à tona, o que obriga muitos profissionais, inclusive no campo do Direito, a compreender e saber como lidar com a regulação, controle, identificação e punição das atividades de muitos contraventores. Diante dessa constatação, não existe dúvida de que as operações realizadas via Internet têm afetado economicamente, culturalmente e socialmente muitos indivíduos e instituições, a ponto de muitas vezes causarem danos ou prejuízos de ordem financeira.

Desse modo, atualmente, é quase impossível não pensar na informática como uma ferramenta pedagógica na educação, pois a mesma se faz presente no contexto pessoal, profissional, social e educacional. E pensando nesta integração da informática no cotidiano educacional, que a informática educativa vem com a proposta de inserir a tecnologia no ambiente escolar, procedendo assim como uma ferramenta de melhoria no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

De acordo com o Portal da Câmara dos Deputados, o Brasil vem, desde o ano de 1993, tentando implantar, através de projetos de lei, a disciplina Informática no contexto escolar. O que ainda não ocorreu. No ano de 2007, o deputado Fábio Souto, do Partido da Frente Liberal (PFL) da Bahia, lançou o Projeto de Lei 162/07 que tornou a Informática disciplina obrigatória na parte diversificada dos currículos do Ensino Médio. O próprio Souto (2007) afirma que a informática é essencial para a busca do conhecimento e também na busca profissional. A proposta do deputado altera o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases Da Educação (LDB, Lei 9.394/96).

Segundo a LDB, artigo 26, os currículos do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base comum nacional e uma parte diversificada em cada sistema escolar, ou seja, teríamos que ter uma mesma base de educação para todos nacionalmente e outra diferenciada apenas por região, cultura, sociedade e economia. Definir uma disciplina como obrigatória não deve ser uma decisão apenas do Estado e sim de toda a sociedade.

Sendo assim a informática educativa tem um papel importantíssimo no contexto educacional e precisa alcançar sua função pedagógica dentro do ambiente escolar. E pensando nesta importância da informática educativa na educação que o deputado Carlos Henrique Gaguim do partido trabalhista nacional (PTN) de Tocantins, criou o projeto de lei n.º 6.885/17, para tornar obrigatória a informática

educativa como componente curricular obrigatório dos currículos de todos os níveis da educação básica. O mesmo ainda tramita nas pautas do plenário. O projeto de lei altera o artigo 26 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

Que de acordo com o artigo 26 da LDB, Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

E para que este componente curricular se insira e desenvolva no meio educacional, há a necessidade de ter um professor licenciado em informática, habilitado e qualificado para atuar no exercício da atividade docente, com sólida qualificação científica e pedagógica.

Que segundo O art. 62 da LDB a Lei nº 9.394/96, passa a vigorar com as seguintes alterações: A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Segundo o § 8º do artigo Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Sendo assim este professor buscará estratégias, adquira técnicas e sobretudo combinará esforços dentro do próprio corpo docente escolar, para o avanço e acompanhamento das evoluções tecnológicas e educacionais, desenvolvendo assim a informática educativa e suas práticas pedagógicas para um ensino aprendizado mais dinâmico e iterativo através do laboratório de informática educativa (LIED), onde este espaço tem como objetivo, proporcionar o acesso ao aluno, professores e demais membros da comunidade escolar aos meios tecnológicos disponibilizados pelo Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO) do MEC e promover o uso pedagógico dessas ferramentas tecnologias.

A Informática como ciência e ferramenta, está à disposição como forma de auxílio na execução de tarefas, e sua abrangência é global, e está interferindo de forma crescente em todas as áreas do conhecimento, bem como nos diversos

setores profissionais e educacionais, públicos ou privados. De forma direta ou indireta, todos fazem uso de algum serviço utilizando a tecnologia.

A utilização do computador na educação atualmente já é uma realidade em nosso país embora muita coisa ainda precise melhorar. Pela visão de (Ralston & Meek, 1996) a utilização de computadores é da época do surgimento comercial dos mesmos. Por volta da década de 50, quando começaram a ser comercializados os primeiros computadores com capacidade de programação e armazenamento de informação, apareceram as primeiras experiências do seu uso na educação. Como na resolução de problemas nos cursos de pós-graduação em 1955, e como máquina de ensinar, foi usada em 1958, no Centro de Pesquisa Watson da IBM e na Universidade de Ilinois.

Olhando a informática como uma ferramenta no uso educacional sendo utilizada de forma interativa com outras disciplinas, percebemos a sua vasta riqueza de informações e facilidade na busca do conhecimento, uma vez que se a informática for bem aplicada em sala de aula, lembrando que é essencial que seja ministrada por professores capacitados para o uso dessa ferramenta, então a finalidade da informática será alcançada. Não apenas como meio de interação por meios das redes sociais o que muitas vezes leva o aluno a se prender só a isso e também faz com que não utilize de forma proveitosa essa nova tecnologia. Porém, se a utilizar como busca de conhecimento tem que ser feito respeitando as regras não somente copiando e colando as informações ruins, mas construindo o conhecimento.

A função do professor ganha uma importância crucial na nova perspectiva da escola, ele passa a ser não apenas um mero reprodutor de saberes estáticos e enciclopédicos, e ganha o *status* de mediador do conhecimento, alguém que flexibiliza o processo. Segundo Moran (2000, p. 29) “Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação.”, este talvez seja um dos desafios a serem superados pelos educadores na busca por uma nova forma de ensinar.

De acordo com o art. 61º da LDB a formação de profissionais da educação tem como objetivo atender aos diferentes níveis e modalidades de ensino e às particularidades de cada fase do desenvolvimento do aluno. Tendo como

fundamentos a relação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço, como também a aplicação da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades (BRASIL,2017).

A busca por um perfil para o profissional que efetiva a sua práxis nos Laboratórios de informática da rede pública de ensino, nos faz recorrer a outro artigo da lei de diretrizes e bases da educação. o Art. 62 - A dá diz que:

> A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. [...] Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (BRASIL, 2017, p.43)

Mesmo nos parecendo válidos os esforços por partes do governo para a inserção e capacitação dos profissionais da educação para o uso das tecnologias no ambiente escolar, esse processo vem acontecendo de forma lenta e morosa na missão de disponibilizar profissionais qualificados para o ensino das tecnologias nas escolas brasileiras. Entretanto sabemos que cabe aos profissionais buscar nos mais diversos locais sua formação e sua capacitação para o ensino e aprendizagem das ferramentas tecnologias nas escolas.

Atualmente as atividades de informática nas escolas tem se intensificado, sobretudo com a criação e modernização dos Laboratórios de informática Educativa - LIED. Segundo o MEC, Informática Educativa significa "a inserção do computador no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos curriculares de todos os níveis e modalidades da educação."

O LIED é fruto da política brasileira para informática as escolas públicas do país, segundo o PROINFO, que é um programa vinculado ao Ministério da educação – MEC, que foi instalado oficialmente em 1997. O principal objetivo deste programa era disseminar a informática nas escolas. Mais tarde, em 2007 o PROINFO foi ampliado pelo PROINFO integrado, passando a se chamar “Programa Nacional de Tecnologia Educacional”. O programa garante computadores, recursos digitais para a rede pública, cabendo ao Distrito Federal, Estados e Municípios a tarefa de garantir a infraestrutura necessária para a instalação dos laboratórios, além da capacitação aos educadores. Conforme apresentado no parágrafo único do artigo primeiro do Decreto n. 6.300, de 12 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2007):

> I - Promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;
> II - Fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação;
> III - promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;
> IV - Contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;
> V - Contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação;
> VI - fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais.

O LIED tem como objetivo principal proporcionar o acesso de alunos, professores e demais membros da comunidade escolar aos meios tecnológicos disponibilizados pelo PROINFO,e promover o uso pedagógico dessas Tecnologias de Informática e Comunicação, para auxiliar no desenvolvimento e a organização na construção do pensamento, fatores primordiais na construção do conhecimento. Como afirma PRATA, (2005):

> É indiscutível que o uso das tecnologias na prática pedagógica colabora para um aprendizado mais rico, uma vez que traz novas formas de pensar, explorar e se apropriar do conhecimento. Além disso, a representação simbólica na tela do computador com gráficos, hipertextos, imagens, ícones e sons fazem com que o aluno realize uma aprendizagem com interatividade, construindo assim, novas formas de representação e significação mental.

Apesar desse espaço ainda ter um conceito ligado à sala de pesquisa, os professores que atuam como responsáveis podem explorar e desenvolver diversas atividades pedagógicas. Daí a importância de se explorar essa ferramenta que por muitas vezes, devido a ocorrência de alguns fatores humanos ou materiais não tem direcionamento correto, conforme cita PRATA (2005):

> O maior desafio é fazer com que o uso do laboratório de informática deixe de ser apenas mais um passatempo para docentes e discentes. Esse espaço deve ser utilizado como aula dinâmica, com o uso do computador como ferramenta pedagógica, que agrega ao trabalho pedagógico, por ser maisinterativo e rápido no acesso às informações solicitadas. O maior entrave encontrado para ter um atendimento eficiente no laboratório é a falta de estímulo e motivação dos professores para a mudança.

As apropriações desta nova tecnologia pelo sistema educacional, sofre inúmeros impasses, primeiro pela resistência do corpo docente em aplicar nas

práticas pedagógicas cotidianas o uso de computadores e ferramentas digitais, por não ser profissionalizado ou por não querer a se adequar ao novo sistema educacional. Outro requisito que garante o mal funcionamento é uma infraestrutura e equipamentos inadequados para esses ambientes, desestimulando as motivações desses profissionais de atuarem de forma apropriada e adequada.

Nesse sentido, os estudos da cultura visual alinham-se à necessidade de compreensão das tecnologias, em especial das tecnologias visuais, pois a cultura visual possibilita "desvelar mundos intermidiáticos no qual imagens e artefatos competem pelo poder de representação, expondo e provocando múltiplas camadas de significado e de subjetivação para as experiências visuais do cotidiano." (OLIVEIRA e HERNÁNDEZ, 2015, p. 92).

Assim, uma vez que a cultura visual se caracteriza como uma zona de interstícios por onde transitam artefatos, imagens e tecnologias visuais, que por sua vez mobilizam a interação entre educação e cultura visual. Essa interação possibilita aos professores e alunos a se tornarem produtores de cultura visual, que em parte é intermediada pelos aparatos visuais e midiáticos.

Conforme Kenski, as mídias são baseadas nas linguagens oral, escrita e da síntese entre som, imagem e movimento. Nesse sentido, temos a imagem como um aspecto apresentado pela autora para uma síntese entre as linguagens. Sobre as linguagens define a linguagem oral como a mais antiga forma de expressão humana, caracterizada por ser uma construção particular de cada agrupamento humano. Por meio de signos comuns de voz, que eram compreendidos pelos membros de um mesmo grupo, as pessoas se comunicavam e aprendiam.

A estruturação da forma particular de fala, utilizada e entendida por um grupo social, deu origem aos idiomas. (KENSKI, 2015, p. 28). Por meio dessa forma comum de se comunicar, deu-se também a percepção particular de cada povo, do tempo e espaço, além de definir a cultura e a forma de transmissão do conhecimento, baseada na memorização, repetição e continuidade.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 O CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa abordada na Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa, a qual se encontra localizada na Av Inspetor Aimorés 439 - bairro Zerão, cidade de Macapá. Atende uma clientela de aproximadamente 800 alunos, distribuídos em dois turnos, na modalidade do Ensino Fundamental. Foi caracterizada de enfoque qualitativa sendo que as perguntas de investigação foram elaboradas buscando respostas subjetivas, assim expressando os aspectos qualitativos, questão que tem fundamento na fenomenologia, principalmente com o intuito de fundamentar mais a pesquisa.

A pesquisa qualitativa e quantitativa surge a partir da natureza da investigação, para a qual se faz adequações metodológicas, pois não existe superioridade, de forma que enriquece a pesquisa de campo. Portanto essa questão ganha seu apoio na consideração de Lakatos e Marconi (2008, p. 49) que defendem a pesquisa de enfoque qualitativo quando a mesma expressa a percepção dos sujeitos investigados tendo em vista a análise do discurso.

A investigação se define em nível exploratório descritiva na medida que se vai realizar um olhar amplo do fenômeno que ocorre na escola. Após a exploração dos fatos se descreve a situação, portanto, também descritiva. Discorre ainda pela pesquisa-ação Chizzotti (2009), tendo em vista a intervenção junto aos professores e alunos ao uso da televisão como recurso de aprendizagem.

Assim, a pesquisa sobre o uso de imagens midiáticas em sala de aula ocorreu em um espaço físico já definido, portanto, a mesma ocorreu no campo prático, sendo que esta pesquisa aconteceu com a aproximação do investigador com os investigados, além da sustentação também por teorias, assim a referida investigação será desenvolvida também de forma bibliográfica, com o suporte de capítulos de livros, teses, dissertações, artigos científicos e outros materiais pertinentes à investigação.

4.1.1 Concepções da Escola

- ✓ **De pessoa**

Cidadão consciente, capaz de agir, pensar, com autonomia articulando-se na sociedade com responsabilidade e acreditando nas suas potencialidades.

- ✓ **De sociedade**

A sociedade deve relacionar-se de forma que possibilite a efetiva participação de todos, valorizando todo o conhecimento construído e proporcionando a inclusão social e a valorização da vida, efetivando-se assim a democracia.

- ✓ **De educação**

A educação deverá partir do conhecimento adquirido pelo aluno e ser contextualizada com a realidade da comunidade escolar, permitindo que este seja reflexivo, analítico e exerça sua cidadania com humanização.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Como sujeitos da pesquisa, delineou-se a participação de 12 (doze) professores. e 80 alunos, que estão ativamente envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem na escola campo.

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

No processo de coleta de dados, utilizou-se os seguintes instrumentos: questionário semiestruturado, além do diário de bordo para que se assentasse por escrito os resultados das observações *in lócus* feita na instituição de ensino.

Para isso, a pesquisa dividiu-se em três partes fundamentais, na primeira, coletou-se dados que permitiram conhecer melhor a realidade da instituição de ensino. Após isso, foi realizada a tabulação dos dados e, em seguida, procedeu-se a análise e registro com a consequente fundamentação teórica pertinente.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

No sentido de atender as diretrizes da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL,2012), no que diz respeito à pesquisas nas quais sejam envolvidos seres humanos, todos os participantes da pesquisa receberam orientações prévias acerca da importância, assim como, dos objetivos que se propunha com a mesma.

Além disso, todos os envolvidos (pais e alunos) foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, no qual foram informados que não tinham qualquer obrigação em participar da pesquisa, assim como, de responder ao questionário, o que também se encontravam livres para desistir da participação em qualquer momento que julgassem necessário, sem que a desistência ocasionasse qualquer prejuízo à eles.

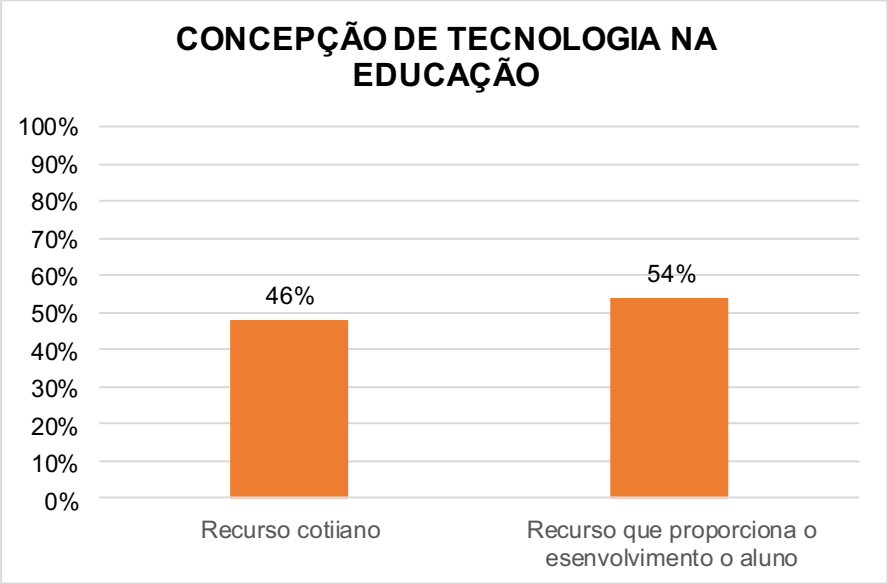
5 A LEITURA CRÍTICA DE IMAGENS MIDIÁTICAS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA NO 7º ANO DO ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA

5.1 PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA

A investigação apresentou como seu primeiro questionamento aos professores sobre sua formação para atuar com o 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental, onde dez (10) responderam que são formados no curso de licenciatura plena em Pedagogia, um (1) em Magistério Nível Médio e um (1) Licenciado em Biologia, portanto todos são habilitados para o exercício da profissão que exercem.

A partir desse momento foi perguntado: Qual sua concepção de tecnologias e educação? 54% responderam que são recursos que proporcionam o desenvolvimento o aluno e 46% que são recursos usados no cotidiano, só que eles não são capacitados para trabalhar com esta tecnologia, por isso os alunos são levados para a sala de multimeios onde tem um professor habilitado para tal função, e que eles procuram fazer a interatividade com o currículo ministrado em sala de aula.

Gráfico 1 - Qual sua concepção de tecnologias e educação?

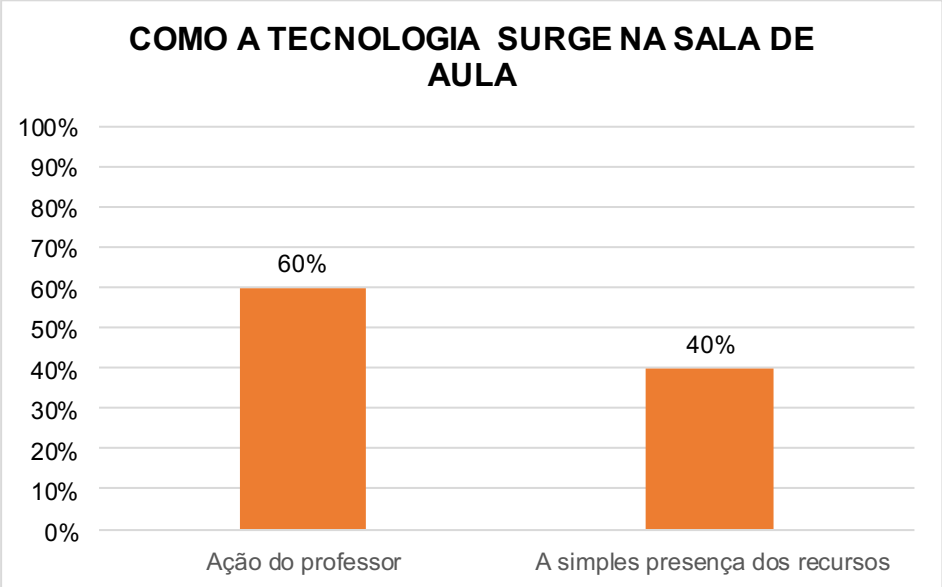


Para eles o poder das mídias é evidente, já que este é um dos principais meios de comunicação de massa e está presente cotidianamente na vida das pessoas, conforme afirma Citelli (2002,17), “em maior ou menor grau nossas formas de ver e de sentir sofrem influências das sequências fragmentadas, da rapidez, da linearidade, da presença marcante da imagem”. Por isso denota que a televisão está diretamente relacionada à forma de pensar e de ver o mundo. As atitudes e comportamentos do indivíduo, de uma forma ou de outra sofrem influência daquilo que se vê no televisor.

Que o potencial educativo das mídias tecnológicas é a interação que ela provoca na modificação de comportamento nos indivíduos envolvidos, como resultado e da comunicação que se estabelece entre eles. Assim, compreende-se que:

> O Poder da televisão refere-se a grande capacidade de velocidade na transmissão de notícias e informações atrelada ao sistema digital e a conexão à internet, tornando essa tecnologia estrategicamente importante para o país no que diz respeito à almejada inclusão social. (FERRAZ E SOLDATI, 2011).

Quando se perguntou sobre como tecnologia surge como recurso de aprendizagem e mediação do professor, os entrevistados se posicionaram, como mostra o gráfico a seguir:



Constatou-se que 60% dos professores responderam que para se utilizar da tecnologia como recurso de aprendizagem é necessário que esta seja incorporada às práticas educacionais com todo seu potencial, e para que isso ocorra é preciso que se conceba a figura do professor como protagonista dessa relação, uma vez que é ele quem estabelece e define, por meio de seu planejamento, a inclusão dos recursos didáticos no desenvolvimento da aula e demais projetos educativos, 40% explicaram que a simples presença do recurso já os motiva a ter um interesse maior nos conteúdos. Enfatiza-se que a figura que melhor se presta à condição de professor é aquele membro da própria comunidade, se for o caso, conforme cada situação, que também seja o responsável pelos conteúdos escolares das outras áreas, e que tenha alguma familiaridade com os conteúdos das disciplinas.

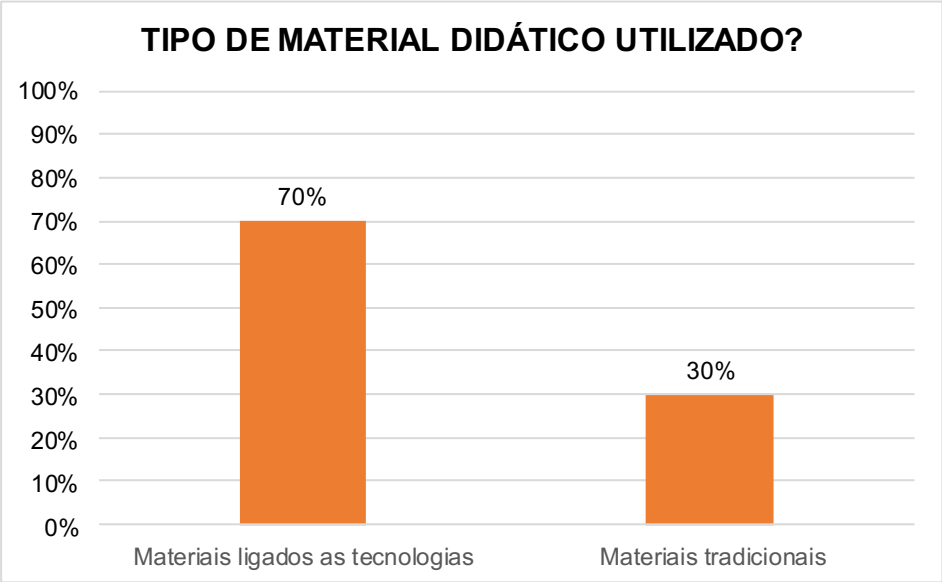
> [...] é cada vez mais necessário ampliarmos as mediações escolares por meio de novos enfoques pedagógicos que visem um consumo cultural crítico e que possibilitem a criação de estratégias de uso destes meios para fins de construção da cidadania ativa, participativa, atuante no contexto da comunidade na qual a escola se insere (OROFINO, 2005:32)

Para atuar em uma escola estadual o professor precisa ter um vínculo empregatício, o que foi perguntado a eles e foi registrado pelos mesmos que são funcionários do quadro do Governo Estadual do Amapá. Apresentam atualmente esse vínculo empregatício em função de terem se submetido a concurso público no

sentido de atuação nessa modalidade.

Os professores do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Nanci Nina Costa trabalham de acordo com uma carga horária de trabalho que esta fixada na matriz curricular da Educação Básica. Foi investigado que sua carga horária semanal é de 40 horas.

Que tipo de material didático são utilizados no cotidiano dos alunos ?



Foi investigado que o material didático que 70% dos professores utilizam nas aulas televisivas são televisor, data show, caixa amplificada, pendrive, dvds e notebook, percebe-se então que todos trabalham com material adequado para suas aulas em questão, 30% utilizam materiais tradicionais.

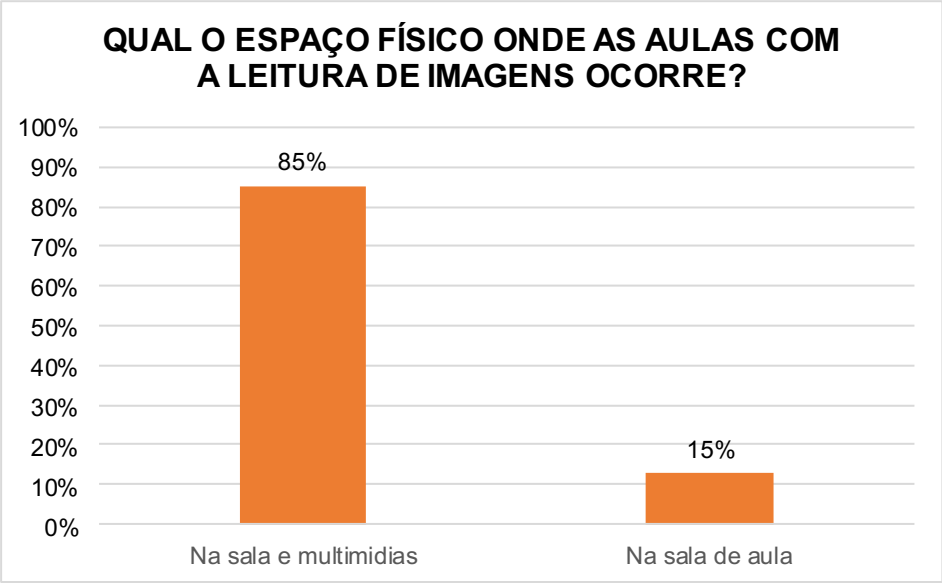
Na literatura educativa, de uma maneira geral, quando se fala de materiais didático-curriculares esse é entendido como aquele que auxilia o professor no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. De fato, os materiais didático-curriculares, são aqueles instrumentos ou objetos que possam servir como recursos para que, frente a sua manipulação, observação ou leitura, ofereça oportunidades de se aprender algo e podem servir para estimular e dirigir o processo ensino-aprendizagem.

Por outro lado, os materiais didático-curriculares possuem dois momentos: aquele material utilizado pelo professor para planejar sua aula e aquele que o

professor utiliza junto aos alunos para que os mesmos aprendam um determinado conteúdo.

No âmbito escolar os materiais que, normalmente, aparecem como sendo os mais utilizados são aqueles impressos como livros, apostilas e etc. Entretanto, na área televisiva quando se fala de material curricular, seu entendimento muitas vezes se restringe ao "televisor" como parte dos equipamentos utilizados na prática da atividade.

Qual o espaço físico onde as aulas com a leitura de imagens ocorre?



Observou-se que 85% os professores responderam que as aulas com a leitura e imagens midiáticas ocorre na sala de multimidias oferecendo recursos vantajosos para o trabalho pedagógico considerando-se o vídeo como principal instrumento de trabalho com a linguagem audiovisual. Nesse sentido, gostaríamos de reafirmar e ressaltar sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Vídeos tem a capacidade de mostrar fatos por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê. Gadotti (2010, p. 62) afirma que “a educação sendo essencialmente a transmissão de valores, necessita de testemunho de valores em presença. Por isso, os meios de comunicação e a tecnologia não podem substituir o professor”

"O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas"

Neste sentido compreendemos como materiais didáticos, todos aqueles recursos que contém informações que exemplificam, expõem ideias, relata experiências práticas, etc., que definitivamente, contribuem a facilitar e fundamentar a tomada de decisões em que o professor precisa levar adiante no desempenho de suas funções na elaboração e desenvolvimento do currículo.

Você participa com os alunos das aulas envolvendo a leitura de imagens midiáticas?



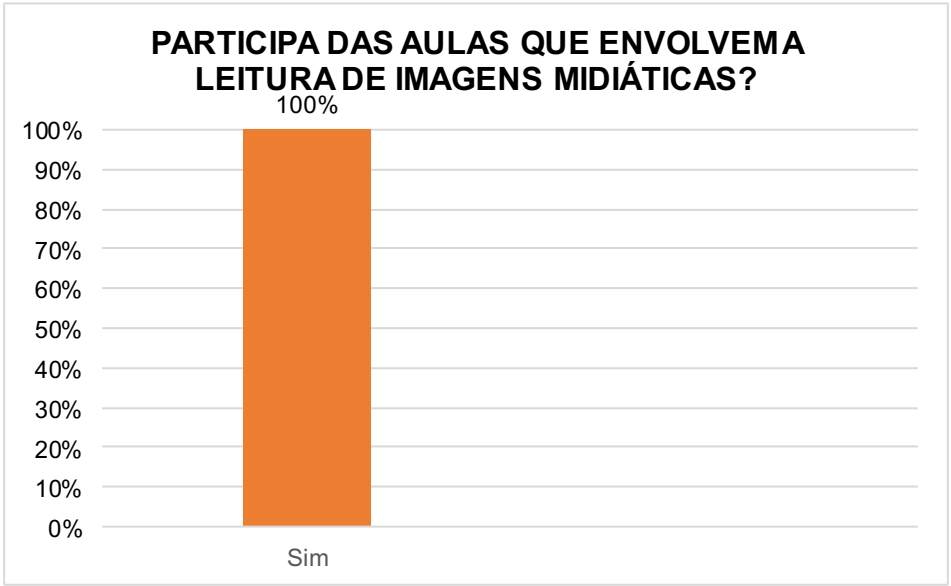
Nota-se que todos os professores (100%) responderam que participam ativamente das aulas envolvendo a leitura de imagens. Assim, surge a importância do professor não trabalhar apenas a parte prática, mas também a teórica na qual enfatiza a evolução histórica das tecnologias por exemplo. Desse modo, fica claro o entendimento de que o conteúdo dessa disciplina tem dimensões epistemológica, ética, estética e política. (FREIRE, 2011)

Não se discute que os livros são insubstituíveis na transmissão de conhecimento, e que é importante cultivar o hábito da leitura nas crianças desde cedo, mas para muitos pesquisadores, a luz da psicologia e da neurociência, os computadores, videogames, certos programas da TV e filmes de hoje, usados ou vistos na dose certa, proporcionam a moçada um outro tipo de aprendizagem: eles ensinam a selecionar e processar informações, a exercitar a lógica e deduzir em suma, a raciocinar" (SOUZA; ZABI 2006, P. 66-77).

O Vídeo só deve ser utilizado como estratégia quando for adequado, quando puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho. Nem todos os temas e conteúdos escolares podem e devem ser explorados a partir da linguagem audiovisual.

5.2 CONSIDERAÇÕES DE ALUNOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO 7º ANO DA ESCOLA ESTADUAL NANCI NINA COSTA

Inicialmente, perguntou-se aos alunos se eles participam das aulas que envolvem a leitura de imagens midiáticas.



A primeira situação foi questionada aos alunos do 7º ano se eles participam das aulas midiáticas. Todos os investigados afirmaram que sim, todos eles participam das aulas com o apoio das mídias tecnológicas.

Silva (2013) realiza uma discussão etimológica do termo educação, resgatando sua origem no latim *educare* (aquilo que se oferece a alguém) e *educere* (que expressa a intenção de conduzir para fora, fazer aflorar, provocar expressão). Aponta assim, na direção de uma análise semântica, pode-se observar uma perspectiva ambígua, já que traz em si significados diferentes, senão opostos. Desse modo, *educare* expressa a intenção de formar o indivíduo de maneira a adaptá-lo satisfatoriamente à sua condição social preexistente. *Educere* revela a perspectiva de libertar as potencialidades latentes do indivíduo, sendo estas dependentes de estímulos para desenvolver-se.

Foi importante saber também quantas aulas midiáticas que os alunos têm durante a semana, obtendo-se como resposta unânime que são apenas uma aula semanal.

Outra questão investigada foi formulada para saber se as aulas com a utilização das mídias tecnológicas são diferentes umas das outras dos quais os seis alunos responderam que sim.



Portanto, convém assinalar que, no ensino das tecnologias diferentes práticas vem sendo desenvolvidas nas escolas. Assim sendo, como desenvolver os conteúdos em outras disciplinas, matérias ou áreas de saber, não existem apenas um modo de ensinar, de pensar e implementar os conteúdos, não há, um processo de ensino único, mas processos concretos, determinados pela especificidade das matérias e pelas circunstâncias de cada situação concreta.

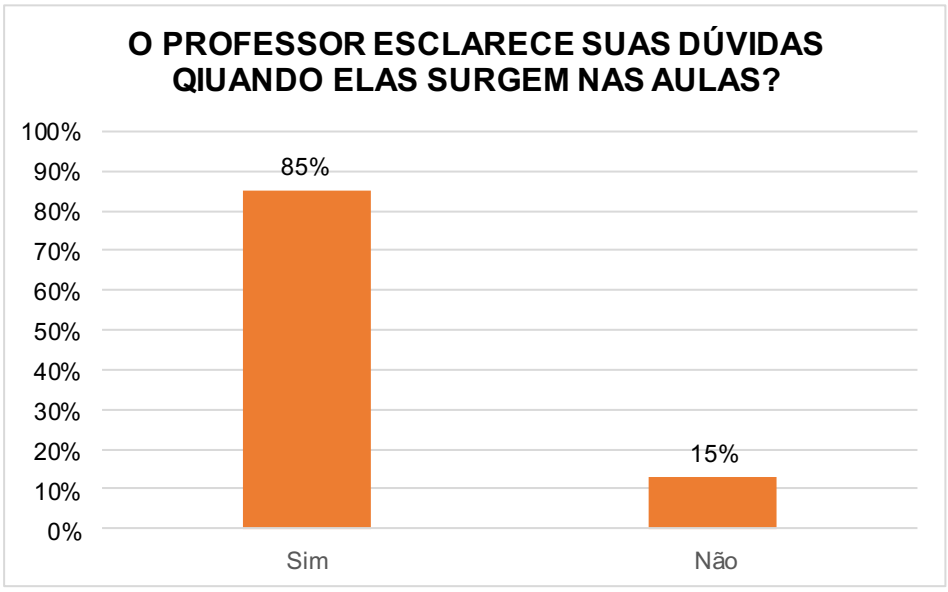
A investigação levou ao fato de saber se os alunos da Escola Estadual Professora Nanci Nina Costa participam das aulas audiovisuais onde se teve como resposta todos afirmando que sim. Isso reforça o fato de que:

> A cultura é fonte humana de diversidade, pois ela mesma é geradora e gerada das/pelas ações humanas. Cada povo constrói um modo próprio de ser, de viver; pensar, agir, criar e recriar os usos e costumes; estabelecer mecanismos de ação e comunicação: inventa e reinventa os símbolos e sinais: estrutura as diversas normas e rituais; modo próprio de crer e não crer; de acreditar e ter medo; criar línguas e linguagens de acordo com as exigências da época; criar expressões estéticas e artísticas próprias; possui modo próprio de desenvolver o trabalho, a produção e o consumo; possui modo próprio de controle ético; possui a maneira própria de narrar para seus filhos os próprios mitos e histórias; tem as suas regras de convivência com os membros da própria etnia e com os membros de outras etnias. (REZENDE. 2004. p.08)

Segundo a LDB, lei 9.394 de 1996, de diretrizes e bases da educação brasileira. O Estado tem o dever de garantir padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, é enfatizada a necessidade de melhor equipar as escolas com material referente às aulas, bem como destinar especial atenção à manutenção e equipamentos midiáticos. Tais recursos são na verdade elementos didáticos utilizados no ambiente de aprendizagem, com o intuito de estimular o aluno à participação ativa em sala de aula.

Percebe-se que nenhum colégio é igual ao outro em sua estrutura física, a não ser que tenha seguido algum modelo de outra instituição. Sendo assim, o que professores e funcionários podem fazer é adequar o espaço para as aulas, conforme as necessidades ou atividades a serem realizadas.

Outra questão consistia em compreender se o professor os atendia quando eles queriam assistir outro vídeo diferente do programado pelo professor da sala de multimeios. 85% os alunos afirmarem que sim e 15% disseram que não são atendidos pelo professor quando necessitam de esclarecimento.



Outro questionamento era o local onde eles participam das aulas audiovisuais, todos responderam ser um local adequado que as aulas acontecem no auditório da escola.

Dessa forma se dá a importância da organização do espaço escolar para que o professor esclareça as dúvidas dos alunos e seus desdobramentos para o ensino de qualidade. Isto é uma questão de suma importância que influência diretamente na dinâmica das aulas.

É importante especificar que, no passado, os professores como todos os outros não foram os principais autores de suas práticas pedagógicas. As políticas educacionais, as propostas pedagógicas, quase sempre impostas por um modelo padrão por meio de legislações disciplinadoras reforçavam o caráter do professor executor de tarefas, e não como um sujeito que cria ou discute artes com os alunos.

Barbosa (2009, p. 62) explica:

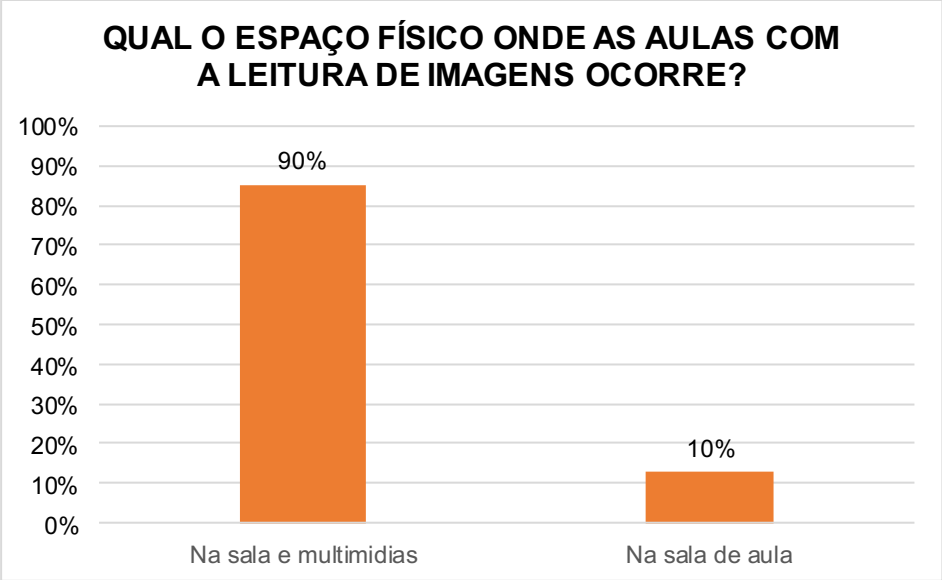
> O ensino tradicional enfatizava como ensino de arte, na época denominada de Educação Artística, a construção de “trabalhinhos”, presentes para o dia das mães e dia dos pais, enfeites natalinos e ninhos de páscoa como atividades próprias das aulas de arte, como também ficavam a cargo dos professores de artes decorarem os ambientes da escola e construírem murais.

Porém mudanças estão ocorrendo gradativamente já se observam novas práticas pedagógicas no ensino de artes e sua aproximação com a realidade

cultural dos discentes, provocando a valorização da disciplina de Artes Visuais e suas experiências.

Silva (2010) informa que essa perspectiva incentiva cada vez mais a aproximação do aluno e do professor à produção de arte. Se antes ensinar arte era sinônimo do fazer, agora é enfatizado tanto o fazer como a apreciação, a leitura e a fruição da obra de arte, assim como da própria história da arte.

Qual o espaço físico onde as aulas com a leitura de imagens ocorre?



Pode ser observado que 90% dos alunos especificaram que as aulas ocorrem na sala de multimídias e 10% afirmaram que essas aulas acontecem na sala de aula tradicional. Desta maneira, aquilo que foi pensado para que o aluno conhecesse o universo da arte acaba por gerar uma prática de simples reprodução (MOREIRA, 2009).

Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96, o ensino de arte tornou-se obrigatório na educação básica. Ainda assim, reconhece-se que a garantia em Lei nem sempre ocasiona a sua legitimidade e a sua concretização no espaço escolar, mas, traz como possibilidade discussões, provoca reflexões que impulsionam movimentos e criam espaços entre educadores para a sua valorização como componente essencial para e na educação. (FERREIRA, 2005)

A LDB (Lei 9394/96) incentivou alguns pensadores contemporâneos a escreverem sobre a importância de se considerar a arte como parte constitutiva das várias manifestações simbólicas de cultura, sendo que no processo educacional o seu entendimento vai além de vê-la como manifestação de sentimentos, forma de expressão, mas como forma de pensamento, tão importante na formação do aluno e no território curricular das escolas quanto as outras disciplinas.

A ansiedade em torno do verdadeiro significado e importância do ensino de Artes Visuais tem levado a elaboração de estudos que levantam questionamentos sobre os modos tradicionais de se aprender e ensinar artes visuais. Com isso, o campo da educação das Artes Visuais está passando por um momento de grandes transformações.

Estas mudanças ficam claras quando observadas em uma perspectiva histórica. É preciso ainda considerar que concepções antigas e recentes continuam existindo na prática, embora muitos parâmetros que guiaram sua construção estejam ultrapassados, abrindo espaço para um ensino mais sintonizado com as demandas sociais e culturais daqueles que se envolvem com a aprendizagem das bases que dão sentido a disciplina. Assim:

> Deve-se refletir no fato de que, numa visão mais adequada do ensino de Artes, pode-se afirmar que a disciplina possibilita a abertura e flexibilidade para lidar com o desconhecido, sensibilidade aguçada, domínio das linguagens artísticas, conhecimento de história, um repertório de experiências artísticas, e o exercício contínuo da reflexão para tornar o indivíduo mais apto para lidar com o mundo que o cerca. (BARBOSA, 2002, p. 58).

Com essa percepção é essencial que se perceba que a arte na educação infantil assume importância vital, especialmente pela recorrente necessidade de situar a função da Arte na Educação como uma das peças chaves para o conhecimento baseado em experiências que despertam a liberdade e criatividade do aluno ao assimilar conteúdos diversos na proposta curricular adotada pelas escolas públicas no trabalho multidisciplinar.

Nesta perspectiva, dominar os conhecimentos pedagógicos relacionados às artes visuais é de fundamental importância como subsídio para uma ação transformadora no ensino e na aprendizagem da arte na atualidade.

A busca de propostas contemporâneas para tratar das questões do ensino-aprendizagem nas instituições de ensino formal, vem sendo uma das principais preocupações dos professores de artes visuais das escolas brasileiras do ensino fundamental, nas duas últimas décadas.

Hernández pondera que “os signos e os símbolos são o veículo do significado e ocupam um papel na vida da sociedade, numa parte dessa sociedade, que é a que de fato lhes dá vida” (2009, p.53). Neste pensar, observou-se que a cultura visual é composta, então, de todos aqueles símbolos e signos que chegam até as pessoas por meio de diversos veículos de propagação visual. Todas essas imagens têm uma função preponderante, capaz de trazer ao observador uma percepção mais apurada daquilo que o cerca e no meio onde está inserido, ampliando simultaneamente seu conhecimento de mundo.

O uso da tecnologia na leitura de imagens no cotidiano dos alunos é um meio de absorver e extrair a informação ali contida, dessa forma o estudo toma o tema consistente e dinâmico. Durante a pesquisa, se estudou teorias sobre as dificuldades dos alunos na fixação do conhecimento em que os recursos tecnológicos apropriados são fundamentais para diminuírem as dificuldades do aprendizado dentro da escola.

Neste caso, as alternativas apresentadas podem ser implantadas na hora de aprender e é um desafio que muitos conseguem vencer e transformar ao longo da vivência escolar. As ferramentas tecnológicas já estão inseridas no dia a dia do aluno na escola e é normal sentir dificuldade no primeiro contato, mas com as novas tecnologias aliadas a educação bons resultados tem-se alcançado na conquista de novos saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento e valorização da cultura visual, mediante a leitura de imagens, entre os discentes do ensino fundamental tem sido uma realidade que cada vez mais depende da ação do professor e das metodologias dinâmicas que é capaz de desenvolver. Nesse sentido, constata-se que as novidades em termos teóricos, metodológicos e práticos no ensino no Brasil muitas vezes não chegam ao conhecimento dos professores.

Diante disso, é comum observar o emprego de metodologias repetitivas, que limitam o conhecimento dos discentes transformando expectativas e diminuindo as oportunidades dos indivíduos de progredir no conhecimento.

Percebe-se dessa maneira que novos contornos educacionais estão sendo desenhados em relação a valorização da disciplina de Artes Visuais , oportunizando a todos aqueles envolvidos com o processo de aprendizagem e, especialmente, com o ensino de Artes Visuais, a mobilizarem seus conhecimentos numa perspectiva interdisciplinar que venha a proporcionar aos discentes a formação para a cidadania, com o fortalecimento da autonomia, da criatividade e da liberdade para a construção de uma sociedade mais consciente de seu papel.

Em termos simples podemos dizer que a definição de cultura visual, passa necessariamente pela percepção que conseguimos expressar diante de tudo que é apresentado aos seres humanos.

Entendemos então que as imagens que são veiculadas ou mesmo expostas no cotidiano são o ponto de partida para que passemos a elaborar novos conhecimentos ou mesmo refletir sobre a maneira como somos e aquilo que desejamos. Assim, ainda que estejamos conscientes ou não a cultura visual está em nossa volta nos envolvendo e modificando nossa visão de mundo.

A Educação da cultura visual parte de uma constatação básica, ou seja, de que a todo momento estamos em contato, através da visão com informações visuais carregadas de sentido. Por isso, a cultura visual do homem, independente da sua condição sócio econômica é rica e variada, ainda que em muitos momentos se torna difícil compreender a profusão de imagens que são colocadas diante dos seres humanos.

A grande quantidade de imagens que vemos no dia-a-dia, expostas de forma caótica e muitas vezes fora de contexto, está voltada quase sempre para gerar consumo. São apelativas e desencadeiam tantos estímulos que muitas vezes tornam os homens alienados diante delas. Por isso, pode-se dizer que os indivíduos veem e não veem, olha-se e não se olha. Se no ensino de artes é ensinado a ver/olhar, é porque isso possibilita camuflagens e ocultamentos.

Muitos estudiosos no campo das Artes Visuais têm apresentado um interesse considerável no estudo imagético, principalmente, pela necessidade de buscar o que se denomina de alfabetização visual, que se evidencia em diferentes nomenclaturas, como leitura de imagens e cultura visual

Em consonância com este pensar, compreendemos a alfabetização visual como um aspecto essencial da natureza humana e de sua expressão no mundo. Assim, hoje, atribui-se muita importância a cultura visual nas aulas de Artes a ponto de muitos especialistas buscarem implementar metodologias de ensino que destaquem a cultura visual e a leitura de imagens como elementos centrais no conhecimento sobre o mundo e sua dinâmica. Mesmo que essas iniciativas ainda não sejam consenso, principalmente, entre boa parte do professorado que muitas vezes ficam de fora das discussões por diversos motivos.

REFERÊNCIAS

ABNT NBR 14724:2011. Norma Brasileira. **Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos** — Apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro, 17.03.2011. Disponível em: http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf

ALARCÃO, D. A. **Saberes e práticas pedagógicas no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2003

ALMEIDA, Roberto S. **Didática e formação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHAVES, Pedro Moreira. **O exercício da pedagogia**: reflexões e desafios. Rio de Janeiro: EDURJ, 2011.

AMAPÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Relatório anual**. Macapá, 2008.

BARBOSA, A. M. T. B. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 2002.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2003.

_____. **Arte na escola**: O discurso metodológico na leitura de imagens. Rio de Janeiro: EDURJ, 2009.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (Artes)**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2001.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil.** Brasília: Congresso nacional, 1988.

BRASIL. **Secretaria Estadual de Educação**: Caderno de Artes do Projeto Correção de Fluxos. Macapá: SEED, 2008.

BUENO, P. H. **A educação da liberdade**: perspectivas para aprendizagem no ensino fundamental. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BUORO, A. B. **Olhos Que Pintam**: A leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMO, Pedro. **Aposta no professor**: cuidar de viver e de trabalhar com dignidade. Porto Alegre: Mediação, 2000.

ESTEVE, Paulo F. **Profissão docente**. 3. d. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DERDIK, C.. **Pedagogia do ensino de Artes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FRANZ, T. **O discurso imagético na escola**. São Paulo: Moderna, 2007.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Atividade docente e formação continuada**. 2 ed. São Paulo: Contemporânea, 1996.

FONTES, Denis S. **Qualificação de professores**: perspectivas e possibilidades. Porto Alegre: Mediação, 2001.

FREITAS, Francisco A. **O ensino de artes visuais**: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2010.

FUSARI, M.; FERRAZ, M. **O conhecimento no ensino de Artes**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

FUSARI, M. F. **A participação do professor nas emoções do aluno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007

LAMAS, A. L. B. **Educação em Artes no ensino fundamental**: perspectivas e possibilidades. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Basílio C. **Artes visuais na sala de aula**: Aspectos metodológicos. Rio de Janeiro: EDURJ, 2009.

LIOTO, Pedro S. **Artes Visuais e aprendizagem na escola**. São Paulo: Cortez, 2010.

LIS. E. A. B. **Professor de Arte no Século XXI**, Faculdade Internacional de Curitiba. Quedas do Iguaçu, 2009. Disponível em: http://www.webartigos.com/artigos/professor-de-arte-no-seculo-xxi/68299/ Acesso em 29 jul. 2020.

MACHADO, Lucia S. **Artes Visuais** em transformação na escola. São Paulo: Moderna, 2007.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte:** a linguagem do mundo. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS. M. C. **A Língua do Mundo Profetizar, Fluir e Conhecer Arte**, Sáo Paulo: FTD, 2001.

MARTINS. M. C. **Mediação:** provocações estéticas. São Paulo: Unesp, 2005.

MARTINS, R. "A Cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver". In: OLIVEIRA, Marilda O. de. (Org.) **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Edusfm, 2007. pp.19-40.

MOREIRA, Paulo F. **Educação em artes visuais na sala de aula**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PASSOS, I. I. **Artes visuais na escola**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HARGREAVES, Antônio. **O mal estar docente**. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

IMBERNÓN, F J. **Formação de professores e a aquisição de competências**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, C.R. **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011, 144 p.

PARO, Vitor. **Formação do professor**: discussões teóricas. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Os saberes docentes na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SANTOS, Teodoro A. **Arte Educação no Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, Maria C. **Artes Visuais**: Contexturas históricas e educacionais. São Paulo: Moderna, 2010.

TAVARES, Francisco A. **Artes Visuais e aprendizagem**: Valorizando a formação do professor. Rio de Janeiro: EDURJ, 2005.

ANEXO - QUESTIONÁRIO

(PROFESSORES)

1. Escolaridade: Magistério( ) Superior completo( ) Superior incompleto ( ) Pós-Graduação( ) Mestrado ( )

2. O uso de recursos tecnológicos influencia no processo de leitura de imagens?

_____
_____
_____

3. Qual a principal dificuldade na utilização dos recursos tecnológicos para a leitura de imagens?

_____
_____
_____

4. Quais os recursos tecnológicos mais utilizados no ensino, especialmente na leitura de imagens?

_____
_____
_____

5. Como são desenvolvidas as práticas educacionais em sala, a relação teoria e prática, no que diz respeito ao uso da tecnologia para a leitura de imagens?

_____
_____
_____

6. A escola motiva os professores a utilizarem nas suas aulas as novas tecnologias para a leitura de imagens?

_____
_____
_____

7. Como classifica a importância de colocar estes suportes tecnológicos para a leitura de imagens em prática em seu método de ensino?

_____
_____
_____

QUESTIONÁRIO

(ALUNOS)

1. A aprendizagem se torna mais fácil quando os professores utilizam os recursos tecnológicos na leitura de imagens?

( ) SIM (NÃO) ( ) AS VEZES

2. Os professores usam os recursos tecnológicos com frequência na sala de aula.?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) AS VEZES

3. A tecnologia para a leitura de imagens é importante dentro da sala de aula?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) AS VEZES

4. Quando o professor utiliza uma tecnologia a aula fica mais criativa?

( ) SIM (NÃO) ( ) AS VEZES

5. Qual o meio tecnológico para a leitura de imagens que você mais gosta de utilizar dentro da escola?

( ) INTERNET ( ) CELULAR ( ) TABLET ( ) TELEVISÃO